# Juventude Operária Católica Brasileira



Companheiro(a)!

Através deste folheto, nos o estamos informando de que temos três publicações que podem ser muito úteis a você. Trata-se do:

JORNAL "JUVENTUDE TRABALHADORA"

Editado pela JOC-Brasileira

BOLETIM "JUVENTUD TRABAJADORA" Editedo pela JOC-América

BOLETIM "INFO"

Editado pela JOC-Internacional

Estes materiais são produzidos exclusivamente por jovens trabalhadores, através de pesquisas, debates, avaliações, estudos, entrevistas e um jornalismo popular, que fazemos desde o nivel local até o internacional.

Através deles, você poderá acompanhar a realidade econômica, política, social, ideológica, eclesial, movimento sindical, popular e de desempregados, e, de modo especial, a realidade da juventude trabalhadora e nossa ação como jovens operários cristãos militantes.

Gostariamos que você fizesse uma assinatura destes materiais e se solidarizasse conosco no esforço que fazemos na luta pelos direitos e aspirações da juventude trabalhadora e de toda a classe trabalhadora.



No Brasil, somos cerca de 26 milhões de jovens trabalhadores explorados e marginalizados em todos os sentidos. Como os meios de comunicação não abrem espaço para debatermos e denunciarmos nossos problemas, lançamos uma imprensa própria.

O jornal JUVENTUDE TRABALHADORA se propõe ser um espaço aberto à participação de todos os jovens trabalhadores do pais, para debatermos e denunciarmos nossos problemas, apresentarmos nossas idéias, nossa cultura e nossas experiências de ação que desenvolvemos em conjunto com a luta de todos os trabalhadores.

É um jornal bimensal (são editados 6 números por ano). Contém 8 páginas.



Somos mais de 100 milhões de jovens trabalhadores em todo o continente americano, submetidos a péssimas condições de vida e trabalho e ao constante desemprego.

Estamos ocupando um papel muito importante nas lutas de libertação que estão ocorrendo na América.

O boletim JUVENTUD TRABAJADORA é um meio de conhecermos e debatermos esta realidade, estas lutas e as experiências de ação que desenvolvemos em todo o continente. É um boletim que conta com informações sobre a América do Sul, Central, do Norte e o Caribe.

É um boletim bimestral (são editados 2 números por ano). Contém 30 páginas.



Os problemas que nós, jovens trabalhadores, e toda a classe trabalhadora enfrentamos, possuem causas comuns a nivel internacional.

Os mecanismos que nos exploram são os mesmos. Por isso, a transformação desta realidade exige solidariedade internacional na luta dos trabalhadores.

O boletim INFO é um meio de conhecermos a situação e as lutas dos trabalhadores, principalmente jovens, da Africa, Ásia, Europa e América. Através dele apresentamos experiências significativas da ação comum que desenvolvemos com o objetivo de construir a solidariedade de classe a nivel internacional.

É um boletim trimestral (são editados 4 números por ano). Contém 30 páginas. 1. IGRYA ACO (P)

Centro de Pasteral Pergueiro N.º 25/5/8 | BIBLIOTECA

# ASSUMIR BOLETIM NACIONAL DA ACO

AnoIII

junho/81

nº3

Desemprego
pag·3
Conclat
pag·5
Favelas
pag·6
Greve da Fiat
pag·7
Internacional
pag·9
Conversações

pag.13



PROJETO
JICA pag.12

FAMÍLIA OPERÁRIA pag-11

### Assumir

(distribuição interna



Boletim Formative

e Informativo

da Ação Católica Operária

de Brasil

Vinculada ao Setor Leigos - Linha 1 da CNBB

Endereçar os pedidos para:

Rua Chichorro, 62 Rio de Janeiro-RJ CEP 20.251

# **APRESENTAÇÃO**

'Custou mas chegou'.

Esta em suas maos o ASSUMIR nº 3.

Estamos nos esforçando para superar as dificuldades que temos, a fim de garantir que os próximos números além de sairem nas datas previstas possam cumprir a tarefa de informação dos militantes da ACO espalhados em todo o Brasil.

Com este número publicamos um Encarte intitulado "POLÔNIA 80: O PODER OPERÁRIO". Por que Polônia? Como os trabalhadores do Brasil lutam pelo fim da atual estrutura sindical e pela auto nomia e independência de suas organizações, os operários polo neses após cerca de 30 anos de lutas sob um regime "socialis ta", conquistaram uma organização sindical independente do Estado e autônoma em relação ao PC polônês. Seu nome: SOLIDARIE DADE. O Encarte fala das lutas dos trabalhadores poloneses.

Brevemente teremos o lançamento de um Estado sobre "Família e Engajamento" fruto das experiências da ACO de Santo André.Tra ta-se de um subsídio valioso que situa a família dentro do processo de libertação da classe operária.

É com grata satisfação que anunciamos Edilberto Sales da Sil va, gráfico da Vila Kennedy - Rio de Janeiro, como o novo com panheiro responsável das publicações na equipe nacional da ACO, e que integra a equipe de elaboração do Assumir. Pela experiência que ele tem como militante operário e pela sua capacitação básica como gráfico, Edilberto vai contribuir muito para melhorar o conteúdo e a apresentação gráfica do nosso Boletim.

Estamos avançando progressivamente. As perspectivas são boas e nossa esperança é ainda maior.

Esperamos sua colaboração,

A Equipe



### VOZ DE TRABALHADORES

"CONSTRUIR" Informa

Em virtude de tudo estar muito caro, somos obrigados a determinar uma contribuição mínima de Cr\$100,00 por cada assi natura e Cr\$15,00 por cada exemplar para pagar as despesas de gráfica e frete. O dinheiro deve ser remetido por "VALE POSTAL" - Correio Geral do Recife, em nome de: EMETERIA HERMÍNIA DO NASCIMENTO, Nº da Identidade: 914.035 - endereço:Rua Gervásio Pires, 404 - Bairro Boa Vista - CEP 50.000 Recife-PE.

### DESEMPREGO

POR QUE OS TRABALHADORES **TÉM QUE PAGAR SÓZINHOS** O PRECO DA CRISE?

Somos um país de 124 milhões de habitantes com uma população economicamente ativa, isto é, em idade de trabalhar, de 47 milhões.

O ministro Murilo Macedo falou em João Pessoa (FSP 16/5/81) que no Brasil nunca houve pleno emprego, mas agora está havendo uma epidemia de desemprego. Ele acha que pior que o desemprego em massa é o sub-emprego que atinge 9 mi-Ihões de brasileiros vivendo de biscates, ganhando menos do que um salário mínimo por mês.

Em todo caso, o que está acontecendo, em termos de aumento progressivo de desempregados é alarmante. Os números expressam o tamanho ou extensão do problema, mas os fatos do dia-a-dia das famílias operárias que estão sofrendo as consegüências do desemprego, do salário baixo e da alta

do custo de vida, faz cortar o coração.

Domingo 17/5/81, aproximadamente 50 trabalhadores (de nove categorias) militantes da ACO de Nova Iguaçu - RJ, se encontraram para discutir esse problema: Como o desemprego está sendo vivido pelos trabalhadores e que atitudes tomam frente a isto. Quais as verdadeiras causas dessa situação e que sa idas (alternativas) se pode encontrar. O que escrevemos aqui está beaseado na reflexão desses militantes.

Nas 6 maiores cidades do país o desemprego atual já atinge 8,3% isto é, 924 mil desempregados.

No país todo, a taxa é de 7,5% atingindo um total de 3 milhões e 500 mil desempregados. Isto significa que em média há 1 desempregado em cada 7 famílias.

Só em São Paulo, no período de dezembro de 80 a marça de 81, 144 mil pessoas perderam o emprego. É bom lembrar que a população de São Paulo em idade de trabalhar é de 4 milhões e 652 mil pessoas. Ainda em São Paulo, no comércio, entre fevereiro e março, 7 mil pessoas ficaram sem trabalho.

No Rio de Janeiro, os supermercados Sendas despediram 2 mil empregados nos últimos 60 días. O sindicato dos metalúrgicos registrou 9 mil demissões no período de janeiro a abril desse ano. A Fiat de Xerem - RJ demitiu de uma só vez 250 operários e dois delegados sindicais, razão pela qual seus 3 mil e 82 operários entraram em greve.

Ao lado dos desempregados, está o drama dos que trabalham ganhando um salário de miséria,

que não está dando nem para comer.

"O dono de uma padaria do meu bairro falou que antes vendia 1.700 pães por dia, agora só está vendendo 800" Esse fato denuncía que a fome é o preço que as famílias operárias estão pagando pela crise atual.

Esta semana, 4 mil operários das empreiteiras que trabalham na CSN (Cia. Siderúrgica Nacional) de Volta Redonda foram despedidos. A previsão é de despedir 14 mil 950, segundo informação do sindicato dos engenheiros desta cidade.



De todas as partes do país chegam notícias de demissões: Em Manaus, o número de demissões já atinge 12 mil. Em Pernambuco 4 mil metalúrgicos foram despedidos. Se fôssemos citar tudo, é número que não acaba mais.

Uma mãe de família disse: "Meu marido está desempregado, e temos 5 filhos. Eu queria que o presidente Figueiredo e o Sr. Delfim viessem passar um fim de semana na minha casa, para ver de perto a fome que estamos passando".

#### POR QUE O PESO DA CRISE É DESCARREGADO SÓ NAS COSTAS DOS TRABALHADORES?

A principal razão é que os patrões não aceitam diminuir os lucros. O Governo, que defende os interesses dos patrões, busca solucionar a crise provocando o desemprego em massa. O fantasma do desemprego obriga os trabalhadores a vender o seu trabalho por salários cada vez mais baixos.

Será que com isso, o Ministro Delfim está querendo preparar o terreno para um novo "milagre"

nos anos pós-84?

#### QUAL A SADA PARA ESTA SITUAÇÃO?

Vivemos numa sociedade de classes. Os patrões e seus aliados só buscam o lucro e são os maiores beneficiados com esta situação. Os trabalhadores, que estão sofrendo na carne o desemprego, o salário baixo, com todas as suas conseqüências, são os únicos que têm interesse de mudar essa situação.

Precisamos nos dar as mãos!

Ou os trabalhadores se unem e reagem de maneira organizada para fazer mudar essa situação, ou não haverá solução nunca. Dos patrões, jamais virá

a solução.

Precisamos nos unir e através das organizações operárias e populares, lutar para fazer parar essas demissões, garantir a estabilidade no emprego, único meio de que dispomos para sobreviver e pelo pagamento.imdiato do salário desemprego. Nossa luta é justa porém difícil porque:

 Do lado de lá, eles têm o dinheiro, leis feitas por eles e para eles, os meios de comunica-

ção social, a polícia, etc.

 Do lado de cá, só contamos com nossa união e organização e com a força e a coragem que Deus nos dá. Cristo não quer a injustiça, por isso está do nosso lado, animando-nos: "Coragem, eu venci o mundo" (João, 16, 33)

# VIDA E AÇÃO DOS TRABALHADORES Angra dos Reis.Rj

Somos operários da Companhia Noberto Odebrecht. Trabalhamos na construção da Usina Nuclear.

Viemos de longe: Minas Gerais, Mara nhão, Ceará, Paraiba, e outros estados do Nordeste. Lá ficaram nossas famílias

Outro dia, enquanto a gente estava trabalhando, "a segurança" da firma deu uma batida nos alojamentos. Quando voltamos do trabalho encontramos revirado e sentimos falta das ferramentas. Então a gente se juntou e fez um encontro rapido entre os compa -nheiros para discutir o problema, e de cidimos ir tomar satisfação. Disseram pra nos que lugar de ferramentas e na o bra e não no alojamento. Um de nos res pondeu de acordo, mas não está certo en trar no nosso alojamento sem autoriza ção, e deixar tudo revirado. Por que nao vieram numa hora em que a gente es tivesse presente? As ferramentas apreen didas pelos "seguranças" não pertencem a firma e sim a nos operarios, e sairam da obra com autorização do segurança. E se a gente tivesse dinheiro no alojamen to e esse dinheiro sumisse, quem ia ser responsavel?

No dia seguinte recebemos nossas ferramentas de volta.

VICE-PRESIDENTE DA APECCAR (Associação Profissional dos Empregados da Construção Civil de Angra dos Reis) É DESPEDI-DO PELA CONSTRUTORA PRESIDENTE.

No dia 3 de Novembro de 1980, fi quei dando expediente na associação e não fui trabalhar, dia 4, ao chegar no trabalho, me perguntaram por que meu cartão tinha sido batido se eu não tinha ido trabalhar. Respondi: "se meu cartão está batido, foi o senhor ou al guém a seu mando que bateu. Não sou pa lhaço, como Vice-Presidente da Associação represento 20.000 trabalhadores da Construção Civil que trabalham nessa á rea". Fui despedido, mas exigi que me pagassem direitinho todos os meus direitos.

POR QUE ME MANDARAM EMBORA?

A Construtora Presidente está situa da em Bracuí. Fomos informados pelos trabalhadores que essa construtora não está pagando aos trabalhadores, devidamente, o reajuste salarial de acordo com o INPC, (Índice Nacional de Preço ao Consumidor). Além disso, tem gente trabalhando sem carteira profissional registrada. Ou tros trabalhando com dois cartões,um pa ra o horario normal de trabalho e outro para as horas extras.

Depois de discutir o problema em reu nião, nos da diretoria da associação de cidimos ir a firma apurar esses fatos.No dia 19 de Novembro, fomos 1a, as 9 h da manha. Não encontramos o gerente adminis trativo e fomos atendidos pelo auxiliar. Perguntamos pelo chefe, e eles responderam: - aqui todos somos chefes. Pedimos então para verificar os papeis do aumento semestral e as fichas de alguns empre gados. Mostraram a ficha de um carpintei ro ganhando 46,00. Soubemos pelos operarios que la nenhum carpinteiro ganha mais de 38,00. A ficha que nos foi apresentada era de um motorista. Alem disso cons tatamos as seguintes irregularidades:

Existência de dois cartões; Pessoas trabalhando so de chinelo; Cantina sem condições de higiene; Alojamento no meio do mato.

Esta disposição nossa, de apurar as condições de trabalho dos companheiros e as irregularidades nos salários, incomodou o patrão a ponto de me por na rua.

#### A APECCAR abre processo de defesa

Assessorados pelo nosso advogado, a brimos processo para defender o meu di reito de permanecer no emprego. A justiça do trabalho marcou audiência para a 5a feira santa deste ano.

#### A Solidariedade

A partir da data prevista para a au diência comecei a receber cartas e telegramas de vários cantos do Brasil, solidarizando-se comigo e com os trabalhadores da Construção Civil de Angra. Manifestações de Instituições, trabalhadores, sindicatos, grupos de Igreja e outros.

#### O Juiz suspende data da audiencia

Bem nas vésperas da 5a. feira Santa o Juíz avisou que a audiência havia sido adiada, sem ter data prevista. Várias ve zes tenho ido lá para perguntar e a resposta é sempre: "ainda não sabemos"...

Enquanto aguardamos o acontecimento, a nossa luta na defesa dos direitos dos companheiros continua.

# CONCLAT

# Conferência Nacional da Classe Trabalhadora

P - Como surgiu a ideia da CONCLAT?

R - Surgiu apos o Congresso das Classes Patronais, realizado em 1979. Nessa ero ca a combatividade do movimento opera - rio se destacava através das greves, li deradas pelos setores combativos e demo cráticos do movimento sindical, tendo como locomotiva o ABC paulista. É neste contexto, que estes setores combativos, levantam a bandeira da CONCLAT, para reu nir os trabalhadores da cidade e do cam po, no sentido de desenvolver um amplo debate nacional sobre os graves problemas que nos atingem.

Essa ideia foi amadurecendo através de varias reuniões, como os encontros de Monlevade e São Bernardo. Chegamos en tão a grande reunião de São Paulo, no dia 21 de março/81, quando se reuniram quase 200 dirigentes sindicais. Entre os participantes se elegeu uma comissão e xecutiva, composta de 29 dirigentes sin dicais, encarregada da preparação efeti va da CONCLAT.

P - Quando e onde será realizada?

R - A CONCLAT será realizada nos dias 21, 22 e 23 de agosto próximo, na cidade de Santos/SP.

P - Qual a importância desse aconteci - mento?

R - E o primeiro encontro dessa amplitu de desde 1964. É fundamental que as or ganizações sindicais, os movimentos po pulares e os movimentos de Igreja como ACO, JOCe Pastorais Operaria percebam a importância desse encontro, porque ele vai ter um peso sobre o movimento opera rio daqui para a frente. Se as forças combativas e democráticas, representa das pelos sindicatos autênticos e pelas oposições sindicais, influenciarem de fato os resultados da CONCLAT, o Movi mento Operario, no seu conjunto, vencido uma importante batalha. Caso contrario, os setores cupulistas, os pe legos, enfim,os aliados do governo dos patroes continuarão entravando o a vanço do movimento sindical. Portanto e necessario que os militantes da ACO que estao engajados no sindicato participem das Assembleias que deverao escolher os delegados à CONCLAT e levem as teses da CONCLAT para o sindicato e para dentro das fabricas.

21, 22, 23 de AGOSTO · S.PAULO



P - Quais os critérios de participação?

R - Cada entidade (sindicato ou associa ção) enviara até 7 delegados entre to dos os da diretoria. - (executiva, cons. fiscal e suplentes).

- e os delegados de base da categoria, serão eleitos através de ASSEMBLEIA,CON GRESSOS ou CONFERÊNCIAS, na seguinte proporção:

até 2.000 na categoria = 2 delegados até 10.000 na categoria = 3 delegados até 30.000 na categoria = 6 delegados até 100.000 na categoria =15 delegados até 200.000 na categoria =20 delegados + de 200.000 na categoria =25 delegados

É preciso que os militantes pressio nem a diretoria do seu sindicato para
que ela convoque uma Assembléia com o
fim de eleger os delegados para a
CONCLAT.

Temos que fazer o máximo para enviar os companheiros mais combativos.

P - Que temas serão debatidos na CON CLAT?

R - As teses vão ser apresentadas por cada entidade sindical. As propostas até agora são as seguintes:

Direito do Trabalho Crise Econômica, Desemprego e salário Política Nacional Organização Sindical A Previdência Social

A Corrente Sindical mais combativa es tá preparando documentos para facilitar a elaboração e estudo das teses funda - mentais, a fim de garantir um consenso nacional dos sindicalistas mais combativos e autênticos, que lutam para que ha ja mudanças profundas na estrutura sindical.

(Entrevista com José Cardoso (Ferreiri nha) Metalúrgico - Rio de Janeiro

# Favelas

#### II ENCONTRO NACIONAL DE AGENTES QUE TRABALHAM COM FAVELAS

Reunidos em Santo André nos dias 24 e 25 de janeiro de 1981, agentes de Favela de 11 Estados do Brasil (moradores de favela e outras pessoas), debateram os problemas relacionados com.as atividades desenvolvidas nas favelas como:

- · uso e posse da terra;
- · papel do agente na favela:
- · método de trabalho;
- preparação de um Encontro Nacional de Favelados.

O Encontro começou com uma fundamentacão bíblica sobre o uso da terra:

"A terra não se venderá para sempre, pois a terra é Minha, diz o Senhor. E vós estareis na terra como convidados Meus. . . não receberão dela juros nem aluguel" (Lev. 25)

A Bíblia não condena a produção de Riquezas. O que ela condena é o mau uso das riquezas, a exploração. Baseados nestes ensinamentos a nossa tarefa de cristãos é construir um mundo novo de justiça. A Bíblia nos ensina também isso. O favelado sabe que ninguém pode morar senão em um pedaço de chão. Sabe também que para toda a terra que se encontra sempre aparece um dono. Quando não é alguém que está aguardando valorização para depois vendê-la a preços proibitivos, é o Poder Público que a considera área verde de loteamento, destinada à construção de praças, prédios públicos, etc.

O que o favelado muitas vezes desconhece é que seu barraco tem direito à proteção legal. A legislação vigente garante o direito à posse da terra. Ninguém pode remover barracos sem que o problema seja discutido através do Poder Judiciário. É necessário haver nas reuniões de favelados maior discussão sobre o uso da terra, maior conhecimento sobre o Direito de Posse de Terra. É necessário buscar novas formas de propriedade.

Ao descobrir os seus direitos, o favelado conquista a sua palavra e se fortifica na prática. Qualquer manipulação estará reforçando a cultura de submissão que lhe transmite o sistema.

Quanto ao Encontro Nacional ficou decidido que o MDF (Movimento de Defesa dos Favelados) receberá até 31 de julho de 1981 a indicação de uma pessoa de cada Estado que vai compor a Comissão Coordenadora do Encontro. Receberá, também, as respostas das consultas que deverão ser feitas às bases, com relação à pauta e a organização do



MEDICOS MINEIROS CONDENAM O CONTROLE DA NATALIDADE

O Sindicato dos Médicos de Belo Hori zonte e a Associação Nacional dos Medi cos Residentes emitiram nota oficial con junta condenando o controle da natalidade pelo Governo e advertindo que ela"pro piciara a abertura de um amplo e seguro mecado a ser explorado pelas grandes cor porações multinacionais que detêm a pos se da maioria dos meios a serem empregados na execução desta política". Conforme denuncia recente do General Andrada Serpa, somente a Fundação Rockfeller ja tem um plano para a instalação no país de 700 clinicas, com a finalidade de es terilizar 15 milhões de brasileiros crescentam as duas entidades, que acham a proposta governamental mais uma medida para "satisfazer interesses externos seus alidados internos, com característi cas nitidamente antinacional e antipopular" (JB - 07/01/80).



# Os trabalhadores da Fiat do Rio não aceitam a demissão de companheiros e exigem estabilidade

Por que a paralização do trabalho?

Em junho de 1977 a empresa tinha 6.470 operários e hoje tem apenas 3.150. Progressivamente foi dispensando os operários sem permitir a queda da produção. Já em 1979, num período de 6 meses, dispensou 900 trabalhadores o que provocou a greve daquele ano.

Agora, de uma so vez despediram 250 operarios, três dos quais exercendo a fun ção de delegados sindicais (com estabilidade).

Diante dessas demissões, e vendo-se ameaçados pelo desemprego, os operários, na assembleia geral do dia 2/5, decidi - ram que a partir do dia 4/5 todos assina riam o ponto, mas que ficariam de braços cruzados diante das máquinas. Este era o protesto e reivindicavam:

- a volta so trabalho dos companheiros demitidos.
- a estabilidade no emprego, durante um ano para todos os grevistas.

Os trabalhadores mantiveram assembleia permanente e o comando de greve tentou negociar com a empresa, mas sem resultado satisfatório.

Dia 14/5 o Tribunal do Trabalho de cretou a LEGALIDADE da grave. O desenrolar do julgamento foi acompanhado na rua pelos trabalhadores, com gritos de:

"QUEREMOS TRABALHAR"
QUEREMOS TRABALHAR"

Os grevistas receberam apoio atraves de manifestações de solidariedade e do fundo de greve (venda de bonos, doações, mantimentos, etc) por parte dos trabalha dores, amigos, entidades, sindicatos, I grejas, Pastoral Operaria, ACO e JOC.etc



A empresa pressionou os trabalhado mes. Pediu ao Tribunal Superior do Trabalho que julgasse a greve e este a declarou ILEGAL.

Com isso, aumentou a pressão pacro nal e a política começou a cercar es tra
balhadores no interior da empresa. A se
gurança da empresa agrediu os trabalhado
res. Apesar disso eles continuaram fir mes.

Os Operarios da FIAT celebraram sua cami nhada com um Culto Ecumenico. Este momento foi expressao de fe na capacidade da classe e no Cristo que caminha conosco nessa luta pelo direito de trabalhar e viver como gente.

e viver como gente.

Participaram, também, várias entidades e igrejas. Foi encerrado com um ofertório, onde os participantes contribuiram com a campanha de solidariedade, com dinheiro e mantimentos.

e mentermenters.

A pressão da empresa aumentou dia a dia, tentando desmobilizar os trabalhado res através dos meios de comunicação, do não pagamento dos salários, da pressão policial na porta da fábrica, etc.

Os trabalhadores resistiram 42 dias parados. Voltaram ao trabalho sem ter conseguido as reivindicações e nem as horas paradas.

O movimento continua. Os trabalhadores estão se reunindo para discutir como sair da praga do desemprego que os ameaça. Querem trabalhar.

#### ENCONTRO NACIONAL DE ASSISTENTES DE ACO

Nos dias 4, 5 e 6 de maio, como estava programado, realizou-se no Rio de Janeiro, o Encontro-Nacional de Assistentes de ACO.

Participaram 15 Sacerdotes, 6 Irmãs e mais Carmen, Elenir e João Francisco pela Equipe Nacional. Tivemos também a presença e contribuição de Dário, de Volta Redonda e da assessoria de Pedro Gonçalves, de Ferreirinha e de Luiz, metalúrgico de São Paulo. O programa foi bastante prático e bem relacionado com as tarefas dos assistentes.

Após a apresentação do pessoal, o Ferreirinha mostrou que atualmente a realidade operária é marcada pelo desemprego, pela rotatividade do mão de obra, pela insegurança do trabalho, pela diminuição do poder aquisitivo do trabalhador e pelas precárias condições de saúde.

Frente a esta realidade, como o movimento operário reage?

A corrente sindical combativa e democrática (os autênticos e a oposição sindical) puxou pra frente o movimento operário. Houve, de 77 a 79, uma verdadeira ascensão do movimento operário, apesar da falta de articulação em plano nacional. Viu-se que a tal da Unidade Sindical, propagada pela outra corrente, ao falar de CUT (Central Única dos Trabalhadores), quer manter a estrutura atual do sindicato. Durante o Encontro, num painel de debate no último dia, viu-se melhor a grande diferença entre estas duas correntes e o porquê da opção dos militantes pelo sindicalismo democrático.

Outra colocação que ajudou muito o Encontro foi o da Igreja dentro desta realidade. Pedro Gonçalves, lembrando uma das pesquisas da ACO em 71, onde se constatou que 82% dos operários são inconscientes e só 18% participam mais conscientemente do movimento operário, demonstrou que a realidade operária hoje não é muito diferente.

Em seguida fez ver que a opção da Igreja pelos pobres, apesar dos documentos de Medelin e de Puebla, permanece ainda muito na teoria. A prova disto é o pequeno número de padres e bispos que se comprometem de verdade com os movimentos de Igreja no meio operário (ACO, JOC e mesmo PO).

Mas o que fez mesmo os assistentes perceberem a força da ACO foi a história do Movimento desde sua gestação até hoje, através de cartazes explicados pela Carmen e complementados por alguns assistentes e militantes mais antigos.

À tarde do 1º dia houve trabalho em grupos sobre a experiência dos assistentes na prática da ACO para se descobrir os pontos que exigiam desafio e aprofundamento.

Na manhã do 2º dia, de acordo com os questionamentos levantados na véspera, os grupos de trabalho se organizaram por livre escolha de cada um conforme o assunto de maior interesse e possibilidade de avaliação do papel do assistente na ACO diante os diversos níveis de engajamento dos militantes.

À tarde, após a apresentação do resultado dos grupos e discussão em plenário, foi muito válida a reflexão de todos os participantes sobre a Missão hoje da ACO, antes de uma complementação de D. Celso feita na base do diálogo.

O ponto alto da celebração à noite foi o ato penitencial e a ação de graças.

De manhã, no 3º dia, após o painel de debate que ajudou a ligação entre a análise dos problemas do 1º dia e os valores da classe operária e da ACO aprofundados no 2º dia, se partiu para o AGIR. As mesmas pessoas dos grupos anteriores se reencontraram a partir da seguinte pergunta: "Diante da realidade constatada e analisada, bem como das decisões do CNA, o que o assistente deve fazer e como? "As conclusões em plenário demonstraram que os assistentes presentes estavam convictos que devem caminhar com os militantes e estar abertos para uma revisão contínua de sua opção pela classe e pela Igreja, no aspecto de conteúdo, de pedagogia e de compromisso com a ACO e a classe operária.

A declaração unânime na avaliação foi de que o Encontro foi realmente participado e assumido por todos. Isto facilitou o entrosamento dos novos assistentes com os mais antigos, sem ninguém ser mestre.





#### INTERNACIONAL

#### A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES

O Presidente do MMTC (Movimento Mundialde Trabalhadores Cristãos) passou pelo Brasil, no final de abril, depois de visitar vários países da Europa, Oriente Médio e Ásia. Ele nos contou, rapidamente, a reestruturação do sistema capitalista mundial e como isto está afetando a vida dos trabalhadores em diferentes países e continentes:

O sistema capitalista a nível mundial está numa tentativa de reestruturação, buscando sair da crise econômica, decorrente do seu próprio funcionamento: depois de um período de expansão, vem sempre um período de recessão (crise).

Reagan está reforçando as ditaduras, oferecendo ajuda e armas à Argentina, Chile, Paquistão, Turquia, Coréia, etc.

Os setores mais reacionários estão dirigindo a política e a economia.

Os capitalistas do Ocidente seguem a mesma política de Reagan. Busch representa os grupos da região Atlântica. O secretário de Reagan foi diretor da CIA.

Na Europa a taxa de desemprego é muito alta. Os países estão limitando a imigração de trabalhadores

Na Suíça os trabalhadores imigrantes só podem trabalhar 9 meses e sem a família.

Na Alemanha há 1 milhão e 300 mil desempregados e a previsão é de que no próximo ano sejam o dobro. 40% dos operários despedidos pela Volks na Alemanha são portugueses. Depois disso, a Volks se implantou em Portugal, pagando salários muito mais baixos que na Alemanha.

Na Bélgica e FIAT dispensou 7 mil operários. Os trabalhadores reagiram com greves.

Na Espanha, a SEAT e a Quidles estão reduzindo 25% da produção e reduziram o número de operários. Os sindicatos da Europa estão lutando para manter o emprego, pela redução das horas de trabalho e pela redução dos trabalhadores imigrantes.

Na Polònia, país socialista, cujo governo é dirigido pelo partido comunista, está surgindo o Movimento Sindical "Solidariedade", fruto de um trabalho longo e de lutas persistentes, motivadas pela consciência de classe e pela consciência religiosa do povo polaco. Há várias correntes ideológicas dentro do Movimento "Solidariedade":

- a corrente de Walesa;
- a corrente añarco-sindicalista;
- os que querem voltar ao capitalismo.

A corrente de Walesa é a majoritária. Pretende um aperfeiçoamento do socialismo polaco, onde haja mais participação e autonomia do movimento operário.

As duas últimas são minoritárias.

Além das correntes ideológicas há os que buscam um espaco: estudantes, intelectuais.

Dentro do "Solidariedade" há trabalhadores do partido comunista que estando de acordo com a luta sindical da corrente de Walesa, lutam, no interior do partido, para que progressivamente o partido aceite as propostas de mudança do "Solidariedade".

Na Ásia, as empresas multinacionais instalamse em Zonas Francas, para óbterem dos Governos uma série de garantias;

- · liberdade de preços;
- facilidade de importação de matéria-prima;
- não organização dos sindicatos.

Na Malásia há um "pacto social": durante 5 anos os trabalhadores não po derão fazer greve. Têm que trabalhar muito e sem protestar.

No Sudeste Asiático, os trabalhadores ganham 30 dólares por mês (Cr\$ 2.620,00).

A luta dos trabalhadores asiáticos é limitada, devido às leis que lhes são impostas, e porque o desemprego é muito elevado. Os trabalhadores têm necessidade de subsistir.

O sistema capitalista aproveita a mão-de-obra barata, provocada por ele mesmo, exige horas extras aos que trabalham e tira a possibilidade de luta de quem trabalha e de quem está desempregado.

No Oriente Médio. O Egito tem 42 milhões de habitantes e só o Cairo (capital) tem 12 milhões. O salário mínimo é de 30 dólares (Cr\$ 2.620,00) ao mês. 70% dos trabalhadores são analfabetos.

O ex-presidente Nasser fez um trabalho de nacionalização das grandes empresas, mas o atual presidente Sadat, permitiu a entrada das multinacionais. Estas pagam salários 3 vezes mais altos que as empresas estatais. A maioria dos trabalhadores especializados das empresas estatais passaram para as empresas particulares e as estatais tiveram uma queda de qualidade da produção.

A partir da entrada das multinacionaos em 1977, as greves são proibidas no país. Mesmo assim, os trabalhadores tentam organizar-se Fazem greves e manifestações enfrentando grandes riscos. O governo prende líderes e muitos deles levam 5 anos de prisão. A religião que predomina é o Islamismo (muculmanos). O problema não é só a religião, é também ideológico, político e econômico. Alimentama idéia de que a fé, a espiritualidade é uma coisa e a vida outra; nada tem a ver com a realidade política e sócio-econômica. Os partidos políticos têm que tra alhar na clandestinidade.

Está surgindo um trabalho conjunto entre muculmanos e cristãos, a partir da realidade e de uma caminhada comum, procurando eliminar divisões.

O integrismo. No Irã surge e revolução islâmica. Expulsaram o Xá Reza Pahlevi. O Aiatolá Kohmeini assumiu a direção do país. Retomaram todos seus hábitos religiosos e reforçaram o fanatismo religioso.

Os grupos de marxistas existentes só podem atuar na clandestinidade. Há reação contra eles e também contra os cristãos comprometidos com a mudança da situação.

Os ortodoxos, católicos, coptos-católicos, coptos-protestantes e protestantes estão em pânico devido ao fanatismo islâmico impulsionado pelas grandes potências, as multinacionais e os petrodólares.

Há o objetivo de criar estados religiosos: islâmicos, judeus e cristãos, para bloquear a união, impedindo a "crisis" do sistema e evitar qualquer mudança. Trata-se de dividir para evitar a força do povo. Isto impede a marcha para a mudança da sociedade.

O Afeganistão tem problemas de penetração religiosa do Islã. A UNião Soviética justificou sua entrada o Afeganistão por este motivo.

# Sistema Capitalista

O Sistema Capitalista sempre tenta sair da crise econômica com guerras: Guerra Mundial em 45, Guerra da Coréia em 50, Guerra do Vietnã, etc. Neste momento uma guerra mundial traria consequências suicidas para a humanidade, com o perigo de uma guerra nuclear. Por isso, são mais favoráveis a provocação de focos de tensões. Em pouco espaço de tempo começaram a pipocar conflitos:

Na América Latina

entre

Chile e Bolívia; Peru e Chile; Equador e Peru; Equador e Colômbia; Colômbia e Venezuela.

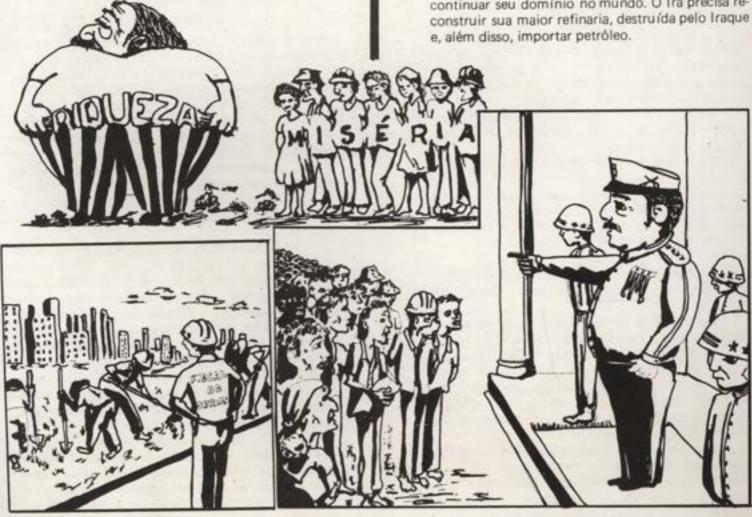
Nos países árabes:

entre

Iraque e Irã;

No Líbano, guerra civil entre católicos de direita apoiados por Israel e muçulmanos apoiados pela Síria.

Os provocadores desses conflitos nem sempre são os fabricantes de armas, mas sim as grandes potências mundiais. A destruição abre novo mercado para elas, devido à necessidade de reconstruir o que foi destruído pelas guerras. Assim, podem manter seus lucros, superar a crise econômica e continuar seu domínio no mundo. O Irã precisa reconstruir sua maior refinaria, destruída pelo Iraque e além disso, importar petróleo.





#### POR QUE E PARA QUE ESSE ENCONTRO

Os militantes da ACO da diocese de Santo André — SP, nas suas reuniões, vinham observando o surgimento de problemas familiares que afetavam tanto a vida familiar como a sua ação militante. A partir dessa constatação, a coordenação da ACO de Santo André organizou um encontro entre casais e filhos para refletir sobre família e engajamento e buscar saídas para suas dificuldades.

#### **PARTICIPANTES**

O Encontro foi realizado em duas etapas, coincidindo em dois domingos consecutivos: dia 5 e 12 de abril deste ano. No dia 5 participaram 40 adultos, 14 jovens e adolescentes e aproximadamente 25 crianças. Entre eles, alguns eram da equipe do Parque Bristol de São Paulo.

#### TEMÁRIO

VER Depoimentos dos militantes

Dificuldades da família militante

JULGAR Causas das dificuldades

Aprofundamento das causas

O projeto de Deus sobre a Família no Antigo Testamento e no Evangelho

AGIR Pistas que devem orientar a ação



#### DINÂMICA

Enquanto duas pessoas animavam as brincadeiras das crianças, os jovens e adolescentes por um lado e os adultos por outro, reunidos em grupo, refletiram sobre seus problemas e as causas. A seguir, o trabalho dos grupos foi colocado em plenário, em forma de relatório ou de encenação. Logo abriu-se um debate com a participação de pais e filhos, num clima de muita sinceridade. Este dia foi de constatação e análise, deixando para o dia 12 a continuação da reflexão, as exigências da fé e as pistas para a ação.

O almoço foi uma verdadeira "multiplicação dos pães". Colocaram em comum o que trouxeram de suas casas. A comida chegou para todos e ainda sobrou. Depois, adultos e crianças brincaram até o início dos trabalhos da tarde.

Encerrou-se o dia 5 com a participação de todos na Celebração Eucarística. Lá se compartilhou a fé e a esperança que animaram a todos a continuar firmes na luta operária e na construção de uma família aberta à grande família.

Dia 12, Dom Cláudio participou e contribuiu na reflexão. Neste dia não houve a participação dos militantes do Parque Bristol, eles iam dar continuidade a essa reflexão, no seu próprio bairro.

# greve

ESTALEIRO MAUÃ - NITERÕI/RJ

A empresa todos os meses atrasava, de 2 a 3 dias o pagamento dos salários, Os trabalhadores exigiram o pagamento no dia certo, mas ela não atendeu. No dia 27 de maio os operários reagiram, unidos e orga nizadamente paralizando o trabalho. No 27 dia de paralização a empresa regulamen - tou o dia do pagamento e negociou com os trabalhadores as horas paradas. Com essa vitória os operários encerraram a greve.

PARA QUEM
FICA NOSSA TERRA
PARA ONDE VAI
NOSSO POVO

#### NOVAS INVASÕES TRANGEIRAS NO BRASIL

Estudamos nos livros escolares as diversas invasões estrangeiras e a luta dos brasileiros para expulsá-los.

Não nos referimos aqui aos nossos irmãos que vem para fixar residência em busca de melhores condições de vida ou por perseguições políticas sofridas na sua pátria, mas sim àqueles que vêm com o único objetivo de explorar as nossas riquezas naturais e a nossa força de trabalho.

Desta vez é o próprio governo que entrega de bandeja as nossas terras, conforme publicação no Jornal O São Paulo de 30/01 a 05/02/81, cujo texto transcrevemos a seguir:

#### CARTA PASTORAL DOS BISPOS DA PROVÍNCIA ECLESIÁSTICA DE UBERABA

(. . .) Já não é segredo para ninguém que um projeto de colonização em nosso Triângulo Mineiro, está em execução. O projeto visa o aproveitamento dos cerrados, até então ociosos, através de produtores com experiência de produção de grãos.

Eles estão chegando às dezenas, do sul, e adquirindo propriedades em Minas, com todas as facilidades de crédito.

Muitos já ouviram ou leram alguma coisa a respeito dos acontecimentos, mas são poucos os que sabem a verdade sobre o *Projeto de Desenvolvimento do Cerrado*, no Brasil.

Este Projeto é um desdobramento do Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento do Cerrado. Este programa foi preparado pela JICA (Japan International Cooperation Agency).

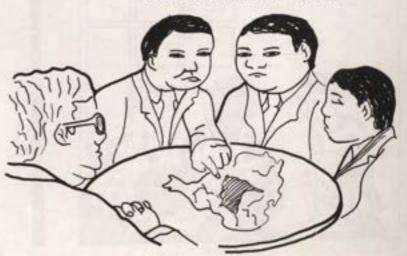
A JICA lidera um grupo de 49 acionistas japoneses que se associaram ao capital brasileiro para construir a Campanha de Promoção Agrícola (CAMPO) e dar início ao programa de cooperação nipo-brasileira para o desenvolvimento dos cerrados. O presidente da CAMPO, depondo perante a Comissão de Agricultura da Câmara, prestou alguns esclarecimentos sobre o problema da utilização da mão-de-obra pelo projeto nipo-brasileiro.

Segundo ele, um terço do pessoal empregado será constituído por mineiros (ou goianos), outro terço por imigrantes de ascendência italiana ou alemã do sul do País, e o último terço formado por japoneses."

A área que despertou a cobiça de companhias estrangeiras é o cerrado na parte central do País. É uma área imensa, de 60 milhões de hectares, ou seja, 12 milhões de alqueires mineiros. Ocupa parte do Estado de Minas e parte do estado de Goiás. Corta quase o centro do Brasil.

#### QUEM ESTÁ SENDO BENEFICIADO COM ESSES PROJETOS?

O QUE ESTÁ ACONTECENDO
COM NOSSOS IRMÃOS QUE
VIVEM NESSAS TERRAS?
E O QUE FOR PRODUZIDO
PARA ONDE VAI?
E QUEM DETERMINARÁ OS PREÇOS?



# Conversações Internacionais

0 que é

Um encontro a nível internacional para intercambio e reflexão, entre militantes da A.C.O., em cima de experiências vivi das.

Objetivos: Conhecimento mais global da realidade operária e da Igreja na Amer<u>i</u> ca Latina.

Capacitar militantes para que possam as sumir responsabilidades no movimento.

### Historico

As Conversações vinham sendo realizadas a nível mundial desde 1970, quando iniciou. A partir de 1976, vêm se realizan do Conversações Continentais para possibilitar a participação de um maior núme ro de militantes.

### 1970:

Tema "Desenvolvimento Integral do Trabalhador"

Constatou-se:

Que o obstáculo fundamental ao desenvolvimento integral da classe operária e da sociedade, é o sistema internacional;

Que a luta contra esse sistema e um desa fio para todos os que querem o surgimento de uma sociedade onde haja igualdade entre todos, sem exploradores nem explo rados:

Que para conseguir o desenvolvimento, faz se necessário uma luta permanente;

Que nessa luta, nosso movimento tem um papel a cumprir.

A medida em que a classe operária vai lu tando, o sistema reprime e cria novos me canismos de dominação e opressão.

### 1972:

Tema: "Opressão, Libertação e Apos tolado Operário".

Viu-se de maneira aprofundada qual é o verdadeiro sentido da libertação.

A libertação é o objetivo global da clas se operária.

Foi afirmado que essa libertação será con seguida através de uma luta comum na qual se encontram militantes cristãos e não cristãos.

Somos chamados a aprofundar as motiva ções evangelicas de nosso engajamento e
a dimensão política de nossa ação; a am
pliar os objetivos de nossa ação em prol
da construção de uma nova sociedade. Ai,
descobrimos que a nova sociedade já está
sendo construida através das lutas e da
ação dos trabalhadores.

1974: Tema: "Pela Ação do Dia a Dia , os

Trabalhadores jã Estão Construindo a Nova Sociedade "

Concluiu-se:

Que os testemunhos revelam que, através das suas ações, os trabalhadores vivem hoje valores da futura sociedade.

Ha trabalhadores que lutam procurando não somente conseguir objetivos imedia - tos tais como salários mais altos e melhores condições de vida, mas também bus cam crescer a consciência coletiva, a so lidariedade de classe, superar o individualismo de pessoas ou de grupos e assim preparar progressivamente a mudança profunda da sociedade atual. Mas tudo isso não acontece expontâneamente.

Para acelerar esse processo de mudança da sociedade, viu-se a necessidade de ter mos organizações operárias fortes, livres e dirigidas pelos proprios trabalha dores.

Que essas organizações devem ser capazes de articular as lutas operárias de acor do com os interesses da classe operária.

Que os militantes cristãos estão inseridos nessas lutas juntamente com militantes operários de outros credos e ideologias.

Que ha setores da Igreja à margem da lu ta pela justiça e pela igualdade de di reitos.

Que os cristãos presentes nessas lutas , procuram iluminá-las confrontando-as com o evangelho.

1976: Tema: "Missão da A.C.O no Mundo
Operário".

(Esse tema estava em ligação com o plano de quatro anos adotado na Assembleia do M.M.T.C realizada em Roma, em 1974) No decorrer dessas Conversações, discutiu se muito sobre os efeitos da crise economica internacional dentro da classe operária.

Convém lembrar que na América Latina um outro tema foi escolhido para essas conversações: "O Processo de Industrialização, O Movimento Operário e a Igreja na América Latina".

O conjunto das Conversações Continentais insistiu sobre os pontos seguintes:

- -Fidelidade a vida e a ação operária.
- -Que a ACO seja mais representativa da classe operária.
- -Importância para a classe operária de ter sindicatos que defendam seus inte-' resses, que ajudem os trabalhadores a ' superar o mêdo, a viver a solidariedade e a exigir que sejam respeitados na sua dignidade.
- -Vinculo existente entre Vida, Ação Operária e a Fé.
- -No engajamento é onde se vive de modo ' especial a fidelidade à classe operária e a Jesus Cristo.
- -A caminhada realizada de 1970 até 76, '
  nos levou a decidir o tema das Conversa
  cões de 1979.

### 1979:

Tema: "Viver a Fidelidade à Classe
Operária e a J.Cristo naconstrução da Nova Sociedade".

O desenvolvimento das conversações de 79 deu-se em três momentos interdependentes

- Realidade operária de nossos países;
- 2. A ação dos trabalhadores;
- 3. O papel da ACO ai dentro;

Porque a realidade operária é dinâmica e muda constantemente é necessário um esforço permanente para conhecer a realida de e captar suas exigências.

Se a realidade muda constantemente, a ação operária também muda para atender às novas exigências.

Por isso é necessário estar atentos para perceber a evolução da luta operária, as características e os desafios que impõe ao movimento.

#### 1981: Temas:

1 - A importância das classes populares.

#### Ver:

Sua atuação.

Evolução histórica.

Setores ou categorias mais significativas.

Lutas mais significativas.

Níveis de organização e solidariedade.

Atitudes das classes dominantes fren te as classes populares.

#### Julgar:

Importância política das classes populares na atualidade.

#### Agir:

Que tarefas as classes populares se propoem hoje?

2 - Como as classes populares foram se ' tornando Igreja? E vice-versa.

#### Ver:

Evolução histórica - setores significativos - momentos significativos - atitudes das classes dominantes em relação à Igreja.

#### Julgar:

Avaliação do papel libertador da I-greja.

Testemunhos de pessoas engajadas.

Papel das comunidades cristas popula res.

Anúncio do Evangelho como força libertadora.

Problemas.

#### Agir:

Tarefa dos cristãos para dinamizar o processo de libertação.

3 - A A.C.O. frente a esta situação.

#### Ver:

Quantos militantes.

Quantos grupos.

Engajamento dos militantes (tipo e 'qualidade).

Problemas.

#### Julgar:

Como a "ACO" e os militantes se situ am frente a essa realidade.

#### Agir:

Desafios e tarefas.

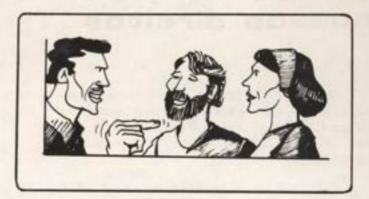
# Os liberados em ação

As conclusões do Conselho Nacional Ampliado deixaram mais claras as tarefas dos liberados em plano nacional. Foi a partir desta visão nova da missão dos liberados na ACO que João Francisco, do Recife, aceitou a indicação.

Após um primeiro contato com as regiões norte e nordesre do país (São Luís, Teresina e Fortaleza) e uma visita a Salvador e Alagoinhas, na Bahia, João Francisco passou o mês de agosto junto em São Paulo com Carmen e P. Mário, para firmar a ACO, principalmente na capital. Realmente São Paulo precisava de apoio. Era o momento em que a equipe de São Mateus sofria uma séria crise. De outro lado vários grupos novos estavam em fase de se definir para o Movimento. É o caso das equipes de Vila Aurora (Região Norte de SP), de Parque Bristol (Região Sudeste), de Suzano (município vizinho de SP), e o início de um trabalho na região sul. Os contatos tamb em com os grupos novos de Mauá, de Santo André, de Campinas e mesmo com os mais antigos de Osasco, de S. Vicente, de Sorocaba, foram importantes para o Movimento em termos de animação e melhor relacionamento entre a base e as coordenações em plano local, regional e nacional. A pedido da ACO de São Paulo, este foi o primeiro trabalho dos liberados em conjunto.

Em setembro e outubro, João Francisco voltou para um trabalho no norte e nordeste. Em Camaçari, perto de Salvador, já existe um trabalho para a formação de uma nova equipe de ACO. Outra tentativa semelhante está se fazendo em Alagoinhas. As Irmãs Ana Kaufman e Margarida são as animadoras.

Outra preocupação da Equipe Nacional, através dos liberados, é o sul do país. Por esta razão a Carmen, depois de encerrar as visitas aos grupos de SP, no início de outubro, viajou ao Sul. Manteve contatos em Curitiba e Joinvile, e no Rio Grande do Sul, com P. Mário, visitou as cidades de Canoas, São Leopoldo, Cachoeirinha, Porto Alegre, Nova Hamburgo, Caxias do Sul e Erexim. Além dos contatos pessoais, houve um encontro de agentes de pastoral popular em São Leopoldo e um outro, com estudantes de Teologia. Conversaram com os bispos: Sinésio de Nova Hamburgo; Edmundo Kuns, de Porto Alegre; Moreto, de Caxias do Sul; João Hofman, de Erexim; Pedro Fedalto, de Curitiba. Esta viagem ao sul tinha a finalidade de conhecer pessoas e condições para firmar a ACO onde estava iniciando e ressucsitá-la onde parou. Em Caxias do Sul existem pessoas e ambiente para a formação de vários grupos de ACO.



A grande surpresa foi a ACO de Erexim, no norte do Rio Grande do Sul.

Três grupos se consideram já da ACO. A Ir. Deonilce é a assistente. O trabalho inicial de ligação desses grupos com o Nacional partiu dos Padres Adelar, ex-assistente e do Geraldo, atual assistente nacional da JOC.

A prova de fogo da ACO recém-nascida em Erexim, foi a organização no final do mês de outubro do ano passado de um seminário sobre sindicato, assumido pela ACO e JOC da cidade. Foi feito um histórico do sindicalismo brasileiro e uma análise crítica, em seguida, ao sindicato assistencialista. As conclusões e propostas finais de luta para um sindicalismo democrático foram importantíssimas para os militantes novos. Foi lançada a idéia de mais um seminário sobre a fé e política no primeiro semestre de 1981.

A ACO Nacional continuará a se comunicar com o sul do país para o crescimento naquela região.

Em janeiro e fevereiro, João Francisco e Carmen concentraram o trabalho de visitas no norte do país e P. Jaques, ex-assistente de Volta Redonda, visitou a Bahia encontrando-se em seguida, no Recife, com Carmen e J. Francisco para avaliação em comum. A partir de setembro Jaques vai se transferir para Salvador, onde poderá continuar o trabalho de ACO junto com as Irs. Ana e Margarida.

Em Teresina há 2 grupos já definidos como ACO; Em São Luís, a ACO procura superar algumas dificuldades. Em Fortaleza, há a necessidade de um trabalho mais em linha de ACO. Em João Pessoa e Natal não tiveram tempo para firmar alguma coisa em linha de ACO. No interior de Pernambuco, há muito interesse e grupos novos se organizando, inclusive novos assistentes, assummindo. . . Aracaju e Maceió precisam de maior apoio.

Como vemos a eleição de João Francisco para liberado trouxe um grande reforço e cobertura ao trabalho de avaliação e de expansão que Carmen já vinha desenvolvendo. Mas em julho, Carmen termina seu tempo de liberada. Por esta razão as equipes de base, as coordenações locais, regionais e nacional precisam assumir com muito carinho e seriedade o estudo para indicação de candidatos para que o Conselho Nacional de 20 a 21 de junho próximo possa eleger no mínimo 2, liberados dos novos, entre aqueles que estejam melhor enquadrados dentro dos critérios do Movimento.

# Lutando juntas vamos conquistar nossos direitos

Com a participação de 18 domesdicas e diaristas reprentando 7 bairos, realizou - se no CEPAC, no dia 3 de maio, o 29 ENCON TRO DE DOMESTICAS E DIARISTAS DA BAIXADA FLUMINENSE.

Partindo da apresentação de um teatrinho e um trabalho de grupo chegamos as se guintes conclusões:

#### PRINCIPAIS PROBLEMAS DA CATEGORIA:

- ha muita exploração no trabalho, a come çar pelo salário que varia entre Cr\$1.000,00 à Cr\$4.000,00 mensal;
- fazem de tudo na casa e ainda são obrigadas a cuidar e passear com cachorros;
- algumas vezes, comem pouco e ruim (apenas o que sobra dos patrões);
- não tem carteira assinada;
- todas as madames são iguais;
- as jovens são ainda mais exploradas e a té espancadas pelas patroas.

#### VIMOS QUE AS PRINCIPAIS CAUSAS DESTA EXPLORAÇÃO SÃO:

- a maioria das domésticas vieram do interior;
- a doméstica não escolhe esta profissão. Assume, para não morrer de fome;
- aceitam tudo por comodismo e isolamento (nem dizem que são domesticas por vergo nha da profissão).
- a maior insegurança é para a que vem do interior para a casa da madame (aceita tudo, porque se sair do emprego, não tem para onde ir);
- para as diaristas, além do trabalho do brado, o problema se agrava com o preço das passagens e a preocupação com os fi lhos que ficam sozinhos.

Como SAÍDAS, foram apresentadas as seguin tes sugestoes:

- não se acomodar nem se isolar;
- levar para outras domésticas, no contato diáriom os problemas, e juntas busca rem soluções;
- lutar por melhores salários e horário de trabalho;
- continuar estes encontros;
- tentar formar novos grupos de domesti cas.

No final do ENCONTRO, a Odete, Presidente da Associação das Domesticas do Rio de Janeiro, orgão da classe, respondeu à algumas questões sobre os direitos da do mestica e colocou à necessidade de unirmos e lutar juntas, pois é lutando juntas, que vamos conquistar nossos direitos.



## Mensagem ao papa

Contagem, 3 de Junho de 1981

SANTO PADRE,

O atraso com que esta carta é escrita, não representa, de forma alguma, a falta de presteza em unirmo-nos ao Mundo inteiro em corrente de oração pelo seu pronto res tabalecimento depois do atentado de que foi vitima.

Sabemos que atentados maiores Sua San tidade recebe cada dia quando, como representante vivo do Cristo, o "companheiro" das pedreiras dos arredores de Cracóvia e o purificador das aguas da fábrica Solway vê cada ser humano ser mutilado na falta de liberdade de se organizar em sindicatos autônomos, ao ser impedido de viver em di gnidade pelos baixos salários que lhe sao impostos, pela ma gerência dos orgãos pre videnciários que, na falta da saúde do tra balhador e dos membros de sua família, não lhe dão o tratamento necessário, etc etc.

Em cada trabalhador ao qual é negado os mínimos requisitos para uma vida dígna, decente e cristã, o companheiro sofre do mesmo modo que (temos certeza), se alegra pelas mínimas conquistas que (esta classe de construtores do mundo) vai acumulando na busca de um "reino de verdade, de amor e de justiça".

Por tudo isto e muito mais também pe la sua dor física e pela dor moral que Sua Santidade sentiu e todo mundo cristão, ou não, sentiu com sua Pessoa é que não poderíamos ficar em silêncio neste momento.

Esteja certo de que, nos, militantes e dirigentes e coordenadores do M.M.T.C. em nosso Continente e através dos movimentos nacionais membros estivemos sempre unidos em todas as preces elevadas a Deus seu pronto restabelecimento, e humildemente atrevemo-nos a subscrever esta carta sem consulta previa a nossos comanheiros , porque os conhecemos bem, irmaos e companheiros que somos, e em nome também destes irmaos e companheiros, rogomos ao Irmao e Companheiro que um dia, no Seminario Belga de Roma, conheceu a obra iniciada por Car dijn e que por ela se entusiasmou, que nos abençoe a nos que tentamos fielmente coloca-la em marcha como trabalhadores cristaos adultos engajados na luta pela superação de todas as dominações.

Filial e fraternalmente subscrevemo nos em nome de todos os companheiros desta fração do M.M.T.C. que se encontra na América Latina.

GERALDO FRANCISCO BARBOSA
Membro do COnselho Executivo do M.M.T.C.
Secretário da Coordenação do M.M.T.C. para
a AMérica Latina (MOAC)

ACO

Ação Católica Operária

# HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL

# INFÂNCIA DURA

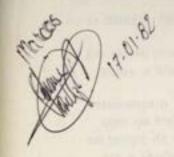
2.º CADERNO

RESISTÊNCIA DE 1888 A 1919

EDITORA TODOS IRMÃOS ex. postal 41 - Fone (0145) 22-1974 Rua Hipólito Alves Noronha, 270 16.400 — LINS — SP

pedidos: EDITORA TODOS IRMÃOS cx. postal 41 — Fone 22-1974 16400 - LINS - SP

> CENTRO DE PASTORAL VERGUEIRO Rua Vergueiro, 7290 - Fone (011) 635520 04272 - SÃO PAULO - SP



1.a PARTE

A INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL E

O SISTEMA CAPITALISTA

La PARTE

A INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL I

O SISTEMA CAPITALISTA

### 1 — O BRASIL PASSA POR GRANDES MUDANÇAS

Em nosso primeiro caderno sobre a história da classe operária no Brasil

estudamos o que se passou com os trabalhadores brasileiros no tempo da colônia e do império, desde 1500, até a abolição da escravatura, em 1888.

Vimos também como o fim da escravidão trouxe uma grande mudança para a economia do Brasil e para a vida dos trabalhadores.

Mesmo que a gente hoje diga que o operário brasileiro vive numa escravidão, sabemos que as condições de vida dos operários são muito diferentes da vida dos escravos.

Estamos lembrados de que quando terminou a escravidão no Brasil, em 1888, esta era a situação da indústria e dos trabalhadores:

Os ricos fazendeiros de café,
comerciantes e capitalistas estrangeiros
com dinheiro de sobra,
com bastante capital nas mãos,
e querendo ter mais lucros.
Por isso eles começaram a desenvolver
vários tipos de indústria,
onde eles eram donos de tudo:
dos meios de produção (máquinas,
ferramentas, prédios),
da matéria prima e do produto,
e até das mãos dos trabalhadores
que eles compravam a troco de salário.

Uma verdadeira classe operária nascendo em condições de vida muito duras: trabalhadores donos apenas de sua força de trabalho, tendo que sustentar a família, sem possuir os outros meios necessários

para poder produzir. obrigados a vender sua força de trabalho pelo salário que o capitalista queria pagar, perdendo todo o direito sobre o produto de seu trabalho. Não existia nenhuma lei de proteção ao trabalho, nem contra acidentes, nem horário de trabalho, nem férias, nem garantia nenhuma, nada. Por isso, desde o berco. a classe operária já começou lutando. para se organizar e se defender. Até o momento da abolição, o tipo de organização era "mutualista", isto é, de ajuda mútua. para se ampararem uns aos outros nos-momentos de necessidade. Mas já naquele momento os operários lam descobrindo que sua dura condição de vida vinha da injustiça do sistema da indústria capitalista. Isto é, o modo pelo qual es orandes e poderosos organizavam a produção e distribuição dos bens materiais produzidos. Por isso, aos poucos sua luta la mudando e eles começaram a exigir seus direitos contra o interesse dos patrões.

Logo após a abolição da escravatura
essa mudança no movimento operário
se tornou mais forte e mais rápida,
de modo que se pode dizer
que aí terminou o tempo do mutualismo puro,
e começou o tempo da "resistência",
em que os trabalhadores se organizaram
para resistir à injustiça do capitalismo
e para reivindicar e exigir seus direitos.

É esse tempo, da resistência operária no Brasil que vamos estudar neste segundo caderno.

### MUDANÇAS NA ECONOMIA E NA POLÍTICA

É claro que a abolição da escravatura

trouxe muita mudança principalmente para os grandes fazendeiros plantadores de calé ou outras lavouras, Perdendo os escravos, tinham que contratar assalariados para o trabalho nos cafezais. Muitos dos antigos escravos não queriam mais trabalhar nas fazendas onde tanto sofreram, nem mesmo a troco de salário. Os fazendeiros tiveram então que contratar imigrantes estrangeiros, portugueses, espanhóis, italianos, alemães, japoneses, e outros. Mas esses estrangeiros, não aceitavam as mesmas condições de vida e trabalho que tinham os escravos. - automost not abolam a suld Sabiam protestar e exigir seus direitos. principalmente grandes Yapheres de -

Os fazendeiros se consideravam prejudicados com a abolição da escravatura, e por isso retiraram o apolo que sempre tinham dado ao governo do Imperador Pedro II.

Até esse momento,
o governo do Brasil estava nas mãos
do Imperador Pedro II que recebeu o trono
como herança de seu pai Pedro I.
O Brasil era uma monarquia,
governado por uma só familia
que la passando o poder de pai para filho.
A monarquia brasileira
contava com o apoio e a participação no governo
dos grandes proprietários rurais.
Ouando os proprietários ficam descontentes
e deixam de apoiar o imperador e a monarquia,
apressa-se uma outra mudança importante
na política do país,
a mudança de monarquia para república.

# 3 — AS IDEIAS REPUBLICANAS

Já havia muito tempo as idéias republicanas eram conhecidas e pregadas no Brasil. Muitos brasileiros desejavam
que em lugar da monarquia
o Brasil tivesse um presidente
escolhido pelo voto do povo.
Já desde antes da independência
e durante o império
houve em várias partes do Brasil
tentativas de revoluções republicanas,
principalmente em Pernambuco
e no Río Grande do Sul.
Mas o governo imperial
até então tinha conseguido se manter.

Existia mesmo um Partido Republicano que conseguia eleger alguns deputados e senadores. Mas a maioria dos deputados e senadores ainda eram monarquistas, principalmente grandes senhores de terras.

### 4 — A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Mas, por várias razões, muitos grupos da seciedade brasileira iam-se ternando republicanos, descontentes com o império,

A pequena burguesia industrial
que estava nascendo e queria se firmar
era contra o imperador que faverecia
mais aos interessados dos proprietários rurais;
a Igreja católica também tinha tido
uma seria questão com o governo;
depois da abolição,
também os proprietários rurais
ficaram contra o governo imperal
principalmente porque a abolição da escravatura
foi feita sem indenização
para os senhores que perderam seus escravos.

Finalmente, tameém os militares antraram em questão com o governo imperial, e, contendo com o apoio de todos os republicanos, proclamaram a República do Brasil no dia 15 de novembro de 1889.

O imperador tevo que deixar o Brasil,

com toda a sua familia, e o Brasil passou a ser governado primeiro por um governo provisório, e depois por presidentes eleitos.

Terminava assim, um império que durou 67 anos, desde a independência, em 1822, até à proclamação da República, em 1889.

#### 5 - COMO ANDAVA A ECONOMIA DO BRASIL

Embora houvesse mudanças,
algumas coisas continuavam as mesmas
na economia do Brasil.
Sobretudo, como nos tempos da colônia,
a grande produção do país
continuava sendo de produtos agrícolas
para serem enviados para fora do Brasil.
Dissemos que a indústria tinha crescido,
mas toda a sua produção junta
era quase nada
em comparação com a produção
de mercadoria agrícola para a exportação.

A cana de açúcar tinha perdido sua importância, mas o café tomou seu lugar, e mais dois novos produtos: o cacau e a borracha.

A imensa maioria do capital e dos trabalhadores do país era empregada para produzir esses gêneros.

#### 6 — A IMPORTÂNCIA DOS TRABALHADORES

O desenvolvimento dessas lavouras seria impossível sem a presença dos trabalhadores para fazer a terra produzir. Por isso os fazendeiros e o governo ofereciam grandes facilidades e faziam muita propaganda para atrair imigrantes europeus para trebalhar no Brasil.

Assim, chegavam a cada ano

milhares de proletários europeus principalmente para os calezais.

Para explorar a borracha da Amazônia, também eram precisos trabalhadores. A Amazônia era despovoada, e por isso, os capitalistas da borracha levavam para lá os nordestinos castigados pelas secas sem esperança de melhoria em sua terra.

O mesmo se passava com o cacau.

Mas eram tão ruins as condições de trabalho e pagamento que esses trabalhadores encontravam que, se dependesse só deles, não ficariam muito tempo nas fazendas ou nos seringais.

Para reter os trabalhadores,
e ter mão de obra garantida
como no tempo da escravatura,
os proprietários inventaram um sistema:
a "venda", o "barracão", isto é,
o endividamento do trabalhador.

Sendo as fazendas e seringais afastados das cidades e o transporte dificil. era o proprietário que tinha meios para providenciar o fornecimento dos gêneros de primeira necessidade para a manutenção dos trabalhadores. Mas colocava precos tão altos nesses gêneros que para sustentar a familia o salário do trabalhador não dava. O patrão, então, fozendo-se de bom. vendia fiedo aos trabalhadores. de maneira que estes estavam sempre em dívidas para com ele. Assim, gostassem cu não gostassem, os trabalhadores ficavam presos à fazenda. porque se fossem embora com dividas seriam presos como ladrões

Com bs imigrantes europeus,
não era tão fácil fazer isso.

Sabiam ler, muitas vezes,
podiam controlar
suas contas com o patrão.
Sabiam protestar,
e contavam com a proteção
dos cônsules que representavam
os governos de seus paises.
Noticias de maus tratos
contra os intigrantes dos cafezais
saíam nos jornais da Europa
e prejudicavam os interesses
dos fazendeiros brasileiros,
diminuindo a imigração.

Por isso, no caso dos imigrantes
nem sempre os fazendeiros
conseguiam prendē-los nas fazendas,
e muitos acabavam deixando o Brasil
ou tornando-se operários nas cidades.
Mas a constante chegada de novos imigrantes
compensava, nos cafezais,
a falta dos que iam embora.

#### 7 - O CAPITALISMO TOMA CONTA DE TUDO

Tendo-se acebado completamente a escravidão, começa a reinar em todo o país, em quase toda a economia brasileira, o modo capitalista de produção.

Isto quer dizer
que em qualquer setor econômico,
em qualquer situação
onde os homens trabalhavam e produziam juntos,
a organização era a seguinte,
de um lado os capitalistas,
de outro lado os proletários:

- A. Uma minoria de ricos, os capitalistas, proprietários de tudo, de todos os meios de produção:
  - 1. da terra, para a agricultura,

- dos armazens e lojas,
   dos estoques de mercadoria,
   dos meios de transporte
   para o comércio.
- das instalações, matéria prima, ferramentas e măquinas para a indústria.
- B. Uma grande maioria de proletários, tendo de vender sua força de trabalho, aos fazendeiros, comerciantes, industriais.

Os patrões entregando aos trabalhadores, apenas uma parte mínima do que os trabalhadores produziam, apenas o suficiente para não cairem mortos de fome, e continuarem produzindo. Isto era o salário.

Os patrões guardando para si
todo o resto, a maior parte
do fruto do trabalho dos operários.
Essa diferença entre o que o trabalhador produzia,
e aquilo que ele de fato recebia,
chama-se Mais-valia,
e vai para os cofres do patrão,
aumentando seu capital.

Os patrões podendo resolver,
por sua própria conta,
e conforme seus próprios interesses,
o que, como, quanto e para quem produzir.
Assim, não produziam
em primeiro lugar
os produtos que o povo brasileiro
estava necessitando.
Davam preferência aos produtos
que pudessem vender com mais lucro,
fosse dentro ou fora do país,
fosse para quem fosse.

Os trabalhadores é que gastavam todas as suas forças no trabalho,

para produzir mercadorias que eles mesmos não podiam aproveitar.

Era essa a organização que se instalava e fortalecia no Brasil com o fim da escravatura e a chegada da República.

O governo era controlado pelos capitalistas, no começo da república; eram especialmente os capitalistas da lavoura, os latifundiários, que governavam.

As leis, as obras públicas, os funcionários, a polícia e as forças armadas, servindo aos interesses do capitalismo.

#### 8 — COMO OS ESTRANGEIROS CONTINUAVAM GANHANDO

Outra coisa que não mudou, mas só cresceu e se aperfeiçoou, foi a exploração feita pelos outros países capitalistas, mais ricos e poderosos, sobre a economia do Brasil.

Esses países imperialistas.

principalmente a Inglaterra
e agora também os Estados Unidos,
com mais outros países europeus,
faziam o que podiam
para dominar e tirar proveito
da economia dos países mais fracos,
possuindo assim um império econômico.

Continuavam
a tirar daqui nossas riquezas,
descapitalizande em grande parte o Brasil,
quer dizer, impedindo o Brasil
de ajuntar riquezas, dinheiro.
Faziam isso de vários modos:

Continuava o comércio desigual,
 os produtos deles encarecendo,

- os nossos barateando, e eles ganhando na troca.
- Através de seus bancos,
   emprestavam dinheiro ao governo
   ou a empresários brasileiros
   e recebiam de volta com juros altos.
   Além disso, como o Brasil nem sempre
   conseguia pagar logo a dívida,
   os capitalistas estrangeiros
   ficavam com o poder de exigir
   medidas do governo para favorecer
   seus interesses no Brasil,
   em troca de maior prazo de pagamento.
- Estabeleciam aqui filiais e representantes de suas firmas, dominando todo o comércio, tanto da importação quanto da própria exportação do café e outros produtos.
- Estabeleciam aqui, com seus capitais, indústrias, companhias de seguros, e outras empresas, levando embora todo o lucro, a mais-valia produzida pelos brasileiros, que logo era muito maior do que o capital que eles tinham trazido.
- Dominavam praticamente
   todas as empresas de transportes,
   de eletricidade, de água, gás e telefone.
   Muito lucravam com isso
  e podiam controlar e impor sua vontade
   em todos os ramos da economia nacional.

Assim, embora se trabalhasse muito no país,
e a produção já fesse muito grande,
a capitalização continuava difícil,
era difícil ajuntar dinheiro
para criar novas indústrias,
como vamos ver,

#### 9 — O GOVERNO PRECISAVA DE DINHEIRO

O governo da República, como todo governo, precisava de dinheiro.

Precisava muito dinheiro para fazer obras públicas, principalmente portos, estradas, tudo o que facilitasse e tornasse mais barato o transporte das mercadorias que eram exportadas, principalmente do café.

Isso era indispensável para o crescimento da economia do país e sobretudo para o crescimento do lucro dos grandes proprietários que tinham o poder político.

Além da realização de obras,
o governo necessitava dinheiro
para emprestar aos fazendeiros
que tinham tido prejuizo
com a abolição da escravatura
e queriam uma compensação do governo
na forma de empréstimos vantajosos.

Também para pagar seus funcionários, o governo necessitava muito dinheiro. apemos que era um governo que atendia aos interesses Sabemos que era um governo das classes de ricos proprietários. Eles precisavam que a classe média embora fosse pequena no Brasil apolasse a sua política. Conseguiam isso oferecendo-lhe bons empregos no funcionalismo público e outros favores. Para dar emprego a todos os amigos, clientes, afilhados e protegidos dos políticos e proprietários influentes criavam-se uma grande quantidade de empregos públicos.

Enfim. por essas e outras razões, o governo da Jovem República precisava de muito dinheiro e procurava obter esse dinheiro por diferentes modos:

#### 10 — O GOVERNO FABRICA DINHEIRO

Logo nos primeiros anos do novo regime, o governo começou a fabricar dinheiro em grande quantidade. to a qualification of the Imprimia dinheiro novo e o emprestava fartamente a fazendeiros e industriais. Acontece que sempre que o governo faz assim, uma grande emissão de dinheiro, os preços dos produtos no mercado sobem. e o salário não acompanha a subida; og villing o medrat auch o custo de vida sobe de repente. Há dinheiro demais, porém artificial, que não corresponde a um aumento real na produção de riqueza verdadeira, isto é, de produtos úteis ao país. É a inflação. Fol o que aconteceu logo no início da República.

Além da emissão de dinheiro,
o governo recorreu também
a grandes empréstimos
pedidos aos bancos estrangeiros.
Não só o governo federal,
mas também os estados e municípios
pediam empréstimos estrangeiros,
ficando o Brasil muito endividado.

#### 11 — AS TAXAS DE ALFÂNDEGA

Outro modo que o governo tinha
para conseguir dinheiro,
eram os impostos.
Havia porém um problema:
quem possuía mais riquezas,
e portanto poderia pagar mais impostos,
eram os grandes fazendeiros.
Entretanto, quem mandava no governo
eram esses mesmos fazendeiros
que não permitiam que se cobrasse
Imposto sobre a terra.

A indústria ainda era tão pequena,
em comparação com o tamanho do país,
que os impostos que ela podia pagar
era muito pouco para manter o governo.
A grande massa do povo,
de trabalhadores rurais e operários,
não teria com que pagar impostos.

Assim, o principal imposto
que o governo arrecadava
era a taxa de alfândega,
ou taxa aduaneira.
Era uma taxa que os comerciantes
tinham que pagar ao governo
por toda a mercadoria que eles importavam,
isto é, que compravam do estrangeiro
e entrava pelos portos do Brasil.
A taxa não era igual para todos os produtos.
Variava de produto para produto,
e às vezes era eliminada.
O governo podia sumentar ou diminuir essas taxas
conforme desejasse.
É claro que a taxa paga ao governo
era incluída no preço do produto
quando era vendido ac consumidor brasileiro.
Assim, o comerciante não perdia nada,
e era o povo que na realidade pagava o imposto,
comprando o produto mais caro.

Sc lembrarmos que quase toda a terra
que era cultivada no Brasil
estava ocupada pelo café, cana de açúcar,
cacau, e outros artigos
que não serviam para alimentar o povo
mas sim para ser exportados,
vamos entender porque
uma imensa quantidade e variedade
de produtos necessários
para a sobrevivência do povo brasileiro
vinha importada de fora do Brasil.
Assim, desde os gêneros alimentícios
até vestuário e ferramentas,
vinham de fora, pagavam taxa alfandegária
e custavam sempre mais caro para o povo.

#### 12 - CORRE DINHEIRO NO PAÍS

Com tudo isso, naqueles primeiros anos, havia no Brasil rios de dinheiro que corriam nas mãos dos ricos, e escapavam depressa das mãos dos trabalhadores.

Foi um período
de verdadeira loucura financeira
entre os capitalistas e os políticos.
Era uma febra de ganhar dinheiro
e enriquecer do dia para a noite.
Com a facilidade de conseguir
grandes empréstimos do governo
empresários e aventureiros faziam planos,
projetavam novas indústrias,
muitas impossíveis de ser realizadas.

O dinheiro passava de uma mão para outra, uns faziam fortuna em poucos dias, outros perdiam tudo de uma vez.

## 13 — A INDÚSTRIA VAI CRESCENDO

A indústria para desenvolver-se
necessita dinheiro acumulado, capital.

Com aquela situação criada no Brasil,
aumentou muito o número de indústrias.

Muitos dos projetos industriais
fracassaram, mas outros vingaram.

Alguns faziam grandes encomendas
de máquinas estrangeiras
confiados no dinheiro fácil.

Ouando as máquinas chegavam ao porto
não tinham condições de pagá-las.

Mais tarde eram vendidas a outros
por preços muito mais baixos.

Assim, aos trancos e barrancos,
ia se desenvolvendo a indústria.

O café, naquele momento, tinha bons preços no mercado internacional. O Brasil era praticamente o único produtor. Os fazendeiros ganhavam muito com Isso. Acumulavam capital,
e muitos o empregavam
também para criar indústrias,
procurando outras fontes de lucro.

Além disso, havia capitalistas estrangeiros
que começaram a ver vantagens
em empregar seu capital
em indústrias no Brasil.

Queriam usar a matéria prima daqui
e aproveitar o mercado consumidor
que estava aumentando no país
sem ter despesas com transportes.

Além disso, a mão de obra
era bastante e barata aqui.

Além de todos esses fatores
aqueles capitalistas
que já vinham havia mais tempo
explorando o trabalho barato
dos trabalhadores brasileiros,
já tinham lucrado muito com isso,
aumentando seu capital
e alargando suas indústrias.

Foi assim, que nos primeiros anos da República, a indústria cresceu muito:

No fim do Império, havia cerca de 600 indústrias no Brasil. De 1890 a 1895, foram fundadas 425 novas fábricas.

Entretanto, a desordem financeira
tinha chegado num tal ponto,
que o governo de Campos Sales
decidiu tomar serias medidas
para por ordem na economia.
Cortou os empréstimos,
aumentou os impostos.

Durante alguns anos,
sobretudo até 1902,
ficou paralizado o aumento da indústria,
recomeçando um pouco depois.

### 14 — A LUTA PELA INDUSTRIALIZAÇÃO

Mas não foi sem lutas e dificuldades que se deu o crescimento da indústria. Para os grandes fazendeiros que viviam da exportação da produção agrícola, e para os grandes comerciantes, que viviam da importação de produtos de consumo do exterior, não era interessante naquele momento o desenvolvimento da indústria nacional. Também os países capitalistas que vendiem seus artigos para o mercado brasileiro não queriam a concorrência da produção nacional, que diminuiria ou até acabaria com a importação de bens de consumo.

Por outro lado, a burguesia industrial do Brasil, e uma parte dos políticos que tinham interesse na indústria precisavam da proteção do governo para poder manter suas empresas.

Assim, entre os próprios capitalistas e seus representantes no governo havia uma luta constante, alguns a favor, outros contra a industrialização.

#### 15 - QUEM ESTAVA A FAVOR

A dificuldade para os industriais estava no fato de que, sendo novas, pequenas e inexperientes as indústrias brasileiras não podiam produzir mercadoria tão perfeita e nem tão barata quanto as indústrias estrangeiras já muito mais avançadas.

Enquanto os produtos estrangeiros tivessem entrada livre no país,

a produção das fábricas brasileiras
não podia agüentar sua concorrência,
e era obrigada a vender sua mercadoria
ao preço igual ou menor
que os produtos estrangeiros,
com pouca margem de lucro.

Qualquer indústria capitalista
para poder crescer
tem que vender logo toda a sua produção,
não pode ficar com mercadoria encalhada.

Mas, naquelas condições,
a população dava preferência

Por isso, a burguesia industrial do país
achava que o único jeito
para poder se desenvolver
era uma ajuda do governo.

Queriam que o governo
aumentasse a taxa alfandegária
dos artigos estrangeiros
semelhantes aos produzidos aqui.

Assim, a população daria preferência
à produção nacional
que poderia então ser vendida
a preço mais baixo do que os artigos importados.

Além disso, queriam que o governo fornecesse empréstimos às indústrias.

É claro que, ao defender essas medidas,
a burguesia não apelava somente
para a sua necessidade de ter lucro.
Baseava-se na idéia de que
para o bem e desenvolvimento da nação.
a indústria era necessária,
que ela daria emprego ao povo,
e livraria o país
da dominação econômica de outros países.
E a burguesia tinha razão ao dizer isso,
porque eram os países estrangeiros
que decidiam do preço dos produtos,
e, como vinha acontecendo
desde o tempo da Colônia,
iam diminuindo os preços

dos nossos produtos agrícolas e aumentando os preços dos produtos industrializados que vinham de fora. Assim, após alguns anos.

vendendo-se a mesma quantidade de café, não se podia mais comprar a mesma quantidade de artigos estrangeiros.

A falta de indústria no Brasil facilitava a exploração estrangeira, a exploração imperialista sobre o nosso país.

#### 16 — QUEM ESTAVA CONTRA

Os comerciantes, porém,
que eram intermediários
entre as empresas estrangeiras
e o mercado brasileiro
tiravam muito lucro desse comércio,
e, é claro, não queriam mudança.
Também os grandes fazendeiros,
que produziam só para exportar
levavam vantagens com essa situação.

Mas nem comerciantes nem fazendeiros
defendiam sua posição
revelando claramente seus interesses.
Também eles apresentavam argumentos nacionalistas,
isto é, diziam que estavam defendendo
apenas os interesses do país
e da população brasileira.
Diziam que se o governo
aumentasse as taxas de alfândega
para proteger a indústria nacional,
quem la sofrer era o povo
obrigado a cemprar gêneros de primeira necessidade
por preços muito mais altos
do que se fossem importados sem impostos.

A verdade é que para os fazendeiros interessava que o custo de vida fosse barato para que não tivessem que aumentar os salários, de modo que não diminuisse seu lucro.

Mas não deixavam de ter razão quando acusavam o protecionismo à indústria de fazer subir o custo de vida.

Também entre os próprios industriais havia lutas.
Isso porque a indústria que já existia tinha sido criada sem planejamento, de maneira desordenada, conforme os interesses do capitalista

Assim, em muitos casos,
a indústria nacional parecia
uma casa em que se começasse
a construir primeiro o telhado,
antes dos alicerces.

naquele momento.

Por exemplo, em vez de se começar criando siderúrgicas para aproveitar nossa riqueza em minério e produzir nosso próprio ferro, tinhemos fábricas de pregos que usavam como matéria prima arame comprado já pronto da indústria estrangeira.

Também a indústria de tecelagem estava mais desenvolvida do que a da fiação, e os industriais têxteis preferiam usar o fio estrangeiro que era melhor e mais barato. Por isso, os fabricantes de fies queriam que o governo aumentasse o imposto alfandegário sobre o fio importado para dar melhores condições de mercado para a produção nacional. Enquanto isso, os produtores de tecido queriam que o governo não cobrasse imposto do fio. para que pudessem importar mais barato a matéria prima para suas tecelagens.

A mesma coisa acontecia entre os curtumes de couro e os fabricantes de calçado. Uns queriam que se taxasse alto
o courc importado,
enquanto os fabricantes de calçado
queriam comprar barato
o couro estrangeiro.
E assim por diante,
em vários ramos industriais
era grande a briga
entre os diferentes interesses

#### 18 — A INDÚSTRIA CRESCE DE QUALQUER JEITO

Como eram os grandes fazendeiros que continuavam tendo mais poder político "no governo brasileiro, de um modo geral, eram eles que ganhavam a briga, quando se tratava das taxas alfandegárias.

Entretanto, como o governo precisava dinheiro para obras públicas e para pagar os empréstimos estrangeiros, acabava muitas vezes aumentando aquela taxa. Isso tinha sempre o efeito de favorecer alguns ramos da indústria, mesmo que essa não fosse a intenção do governo.

Além dessa questão dos impostos, havia no Brasil outras condições que facilitavam um certo desenvolvimento industrial.

Vamos ver quais eram essas condições:

- Já vimos que, apesar de tudo, havia aumentade a acumulação de dinheiro, de capital nas mãos da minoria rica, Havia dinheiro no país procurando novas maneiras de obter lucro.
- Havia m\u00e4o-obra, bastante e barata,

uma massa de trabalhadores livres, recentemente aumentada pela abolição da escravatura e alimentada pela chegada constante de novos imigrantes europeus.

- Aumentava assim a população que recebia dinheiro e tinha que comprar os bens necessários para a sua sobrevivência, o que representava um aumento grande do mercado consumidor.
- 4. Principalmente para facilitar
  a exportação do café,
  e de outros produtos agricolas,
  haviam sido construídos
  portos e ferrovias.
  Isso facilitava muito
  o transporte, a distribuição
  e a comercialização da produção.
- 5. Crescia rapidamente
   a instalação de usinas hidroelétricas
   produzindo energia elétrica,
   que possibilitava a instalação
   de fábricas mais modernas
   com máquinas elétricas que produziam mais
   fazendo render muito mais para o capitalista
   o trabalho de cada operário.

Com todos esses fatores ajudando, a indústria brasileira cresceu até que em 1907 o número de fábricas funcionando já era de 3.258, com 150.800 operários.

#### 19 — A INDÚSTRIA BRASILEIRA MUDA DE FEIÇÃO

Além de crescer nesse período a indústria brasileira também, mudou, modernizou-se,

Nos seus começos, nos tempos da colônia e império.

a industria brasileira era quase unicamente de manufaturas. Isto é, quase não usava máquinas e se baseava praticamente no trabalho manual dos operários que não era muito diferente do trabalho de qualquer artesão. A grande diferença entre aquelas indústrias e as oficinas dos artesãos eram as relacões de produção: No caso dos artesãos livres não havia relações de produção capitalista porque os artesãos não tinham patrão. e eram eles mesmos os donos dos meios de produção, do seu trabalho e seu produto; no caso da indústria. todos os meios de produção. e a produção mesma. partenciam ao capitalista e os trabalhadores vendiam a ele sua força de trabalho.

Além disso, pelo fato de trabalharem juntos, cada um se especializando numa tarefa, numa parte da produção, os operários de indústria produziam mais do que o mesmo número de artesãos trabalhando isoladamente.

Ouer dizer, a produtividade das indústrias era maior do que a dos artesãos livres.

Entretanto já no fim do Império
e sobretudo no início da República,
essa situação se modificou.
As fábricas brasileiras
foram passando de manufaturas
para maquinofaturas.
Começaram a introduzir muitas máquinas
no seu processo de produção.
Essa mudança foi favorecida
pelo progresso técnico mundial,
pela presenca de dinheiro bastante
para comprar novas máquinas estrangeiras,
e pela utilização da energia elétrica

É claro que, com isso,
aumentava cutra vez a produtividade.

O mesmo número de operários,
usando máquinas mais modernas
fazia uma produção muito maior.
Os salários continuavam os mesmos,
o mais baixo possível,
e aumentando a produtividade
aumentava em muito o lucro do capitalista.
Com isso, ampliava sua indústria
ou criava novas empresas.

Para essa mudança, colaborava também a chegada dos imigrantes que já tinham mais experiência e habilidade técnica do que os trabalhadores brasileiros recem-saídos da reça.

2.a PARTE
A CLASSE OPERÁRIA, SEU
MOVIMENTO E SUA ORGANIZAÇÃO

A STATE OF THE PARTY OF THE PAR

2.a PARTE

A CLASSE OPERARIA, SEU

MOVIMENTO E SUA ORGANIZAÇÃO

#### 20 - CRESCE A CLASSE OPERÁRIA

Assim como crescia a indústria, crescia a classe operária. Já era bastante grande para ser capaz de organizar-se, protestar, reivindicar.

Mas comparada com o resto da população,
com a massa dos trabalhadores rurais,
a classe operária era ainda uma pequena minoria,
concentrada nas grandes cidades do país,
sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro.

Durante o período que estamos estudando desde a abolição até a 1a. guerra mundial, cresceu muito a classe operária.

Em 1900, o Brasil tinha perto de 55.000 operários. Em 1920, logo depois da guerra, já chegava a 275.000 o número de operários.

É muito importante saber
que a imensa maioria desses operários
era formada por imigrantes estrangeiros,
principalmente espanhóis, portugueses,
italianos, alguns alemães e outros.
Em São Paulo, onde se encontrava a maior parte
da classe operária do país,
no ano de 1900
mais de 90% dos operários das indústrias
eram estrangeiros.
Até o fim da guerra, em 1918,
a classe operária brasileira
foi composta por uma maioria de estrangeiros.

Como os salários eram baixíssimos e o custo de vida multo alto. as mulheres e crianças também eram obrigadas a trabalhar
para poder sustentar a família.

Em 1912, 67% dos operários
das indústrias têxtels de São Paulo
eram mulheres.

Em 1919, 50% dos operários de fábricas
eram menores de dezoito anos.

Os trabalhadores imigrantes estrangeiros,
em geral vinham para cá para trabalhar
na lavoura do café.

Mas logo se desentendiam com os patrões,
pois os patrões acostumados a ter escravos
não sabiam tratar trabalhadores livres,
e nem mesmo respeitavam os contratos
que tinham assinado com os imigrantes.

Assim, abandonando o campo,
os imigrantes lam para as cidades
e se empregavam nas indústrias.

Outros estrangeiros, lá vinham para trabalhar diretamente nas fábricas. Muitos deles já tinham participado nos países onde nasceram, dos movimentos de luta operária, e traziam idélas de justiça e liberdade, assim também como sua prática de luta. Já conheciam o sistema capitalista e todas as formas de exploração que ele cria e tinham conhecimentos de organização e luta. Eram esses Imigrantes os operários mais especializados, que eram empregados pelas Indústrias para o trabalho que pedia conhecimento do ofício. habilidade e prática no uso de máquinas. Os brasileiros, quase sempre recém saídas da escravidão e do trabalho da roça, eram empregados para os trabalhos que não pediam especialização.

Os operários estrangeiros também
já tinham uma maior consciência
do seu valor como pessoas e do valor do seu trabalho.
Essa consciência faltava muitas vezes
aos brasileiros que acabavam de sair da escravidão,
onde nem mesmo eram tratados como gente.

Por todas essas razões,
grande parte do movimento operário
naquela época, no Brasil,
era animado e liderado por estrangeiros,
e muito influenciado
pelos movimentos e idéias da Europa.

## 21 — AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS OPERÁRIOS

Duras sempre haviam sido as condições de vida e de trabalho para os operários brasileiros.

E apesar das lutas iniciadas nos anos anteriores praticamente nada tinha melhorado.

Até mesmo se agravava a situação.

No desejo de ganhar dinheiro rapidamente,
empregando um mínimo de capital
para conseguir o máximo de lucro,
os capitalistas instalavam suas fábricas
sem nenhum cuidado com os prédios.
Em qualquer casa velha, ou velho galpão
sem luz. abafados e sem instalação sanitária
eram os operários obrigados a trabalhar,
pelo menos doze horas por dia.

A grande maioria da classe operária sofria em péssimas condições de saúde, e a tuberculose e as doenças infecciosas faziam milhares de vítimas entre os trabalhadores.

Os salários eram baixíssimos.

Com as crises econômicas que o país atravessava,
os preços subiam cada vez mais.
e o nível de vida dos operários
era praticamente de miséria.

Mesmo com as mulheres e crianças trabalhando era quase impossível manter-se a família.

Não havia nenhuma garantia nem seguro, nem assistência nem ajuda de espécie nenhuma para o trabalhador que adoecia ou se acidentava.

O único auxílio que se podia conseguir era o dos próprios companheiros quando conseguiam se organizar entre si.

Uma vez doente o empregado era simplesmente dispensado do trabalho sem direito a nada.

Os mais sacrificados eram as mulheres e crianças, submetidos até ao trabalho noturno, e recebendo salário ainda mais miserável do que o dos homens.

Mas a isso tinham que se submeter, pois a perda do emprego significava miséria ainda maior.

As condições de habitação eram terríveis.

Tendo as cidades crescido de repente,
sem nenhum planejamento, sem instalações de higiene,
não havia lugar para que os operários
vivessem dignamente.

Encontrava-se a classe operária
obrigada a morar em condições miseráveis
nas favelas, mocambos e cortiços.
Famílias inteiras em um único quarto,
sem luz e sem água.
Também aí a tuberculose e as infecções encontravam
o melhor terreno possível para se espalhar.

A situação de saúde era tão ruim que em 1904, na cidade do Rio de Janeiro. o governo resolveu obrigar o povo a vacinar-se.

Decidiu também
destruir os velhos casarões da cidade ,
transformados em curtiços,
onde viviam milhares de familias de trabalhadores;
achava o governo que aquelas casas
eram perigoso foco de doenças para a população.
Isso deixou desabrigadas milhares de familias,
para as quais não foi oferecida
nenhuma outra espécie de habitação.
Esses fatos provocaram
uma grande revolta popular na cidade,
mas que foi finalmente abafada pelo governo.

Noticias que se encontram nos jornais daquele tempo podem nos dar uma idéia bem real da dureza da situação do operariado:

O jornal "a Plebe", de 18 de setembro de 1919
dizia que os proprietários de uma fábrica têxtil
"despediram ontem, sem mais nem menos,
17 operários, todos eles já antigos na casa.
Procurando saber os motivos de tal gesto,
as vítimas puderam averiguar
que eles pretendem arranjar menores
para fazer o serviço,
porque as criancas são exploradas mais facilmente
e se contentam com pequena remuneração."

Em 1917, um jornal de São Paulo contava:

"Assistimos ontem à entrada de cerca de 60 pequenos, às 19 horas, na sua fábrica da Mooca.

Essas criarças, entrando àquela hora,
saem às 6 horas

Trabalham, pois, 11 horas a fio,
em serviço noturno,
apenas com um descanso de 20 minutos
à maia noite.

O pior é que elas se queixam
de que são espancadas pelo mestre de fiação.
Multos nos mostraram
equimoses nos braços e nas costas.
Alguns apresentam mesmo

ferimentos produzidos com uma manivela.
Uma há com as orelhas feridas
por continuados e violentos puxões.
Trata-se de crianças de 12, 13 e 14 anos\*

Um outro jorna! contava de "uma operária de seis anos de idade" que ficou deformada porque" foi apanhada por uma máquina.

## 22 — A SITUAÇÃO DE TODOS OS TRABALHADORES

Se essa era a condição dos operários das indústrias, não era melhor a situação dos empregados do comércio. Também esses sofriam dos baixos salários. da falta total de garantía do trabalho. de assistência em caso de doenca, nem horário de trabalho, nem descanço. Também eles eram proletários. tanto quanto os operários das Indústrias. Não possuíam nenhum meio de produção, e para poder sobreviver tinham que vender a sua força de trabalho pelo preço ou salário que os grandes comerciantes queriam pagar, e aceitar todas as condições impostas pelos patrões para não perderem o ganha-pão. Também os comerciários sofriam com a falta de moradia e o custo de vida.

Do mesmo modo, eram explorados e sofriam
os empregados em várias empresas
de serviços públicos:
os marítimos, os portuários, ferroviários,
cocheiros, empregados de hotéis e restaurantes,
e os da força e luz, água e gás.

Até mesmo os artesãos livres,
os trabalhadores de vários ofícios
que trabalhavam por conta própria
viam seu trabalho desvalorizado.
Não podiam aguentar a concorrência dos produtos
feitos pelas máquinas das fábricas,
e empobreciam cada vez mais.

Percebiam que aos poucos iam perder suas oficinas e ser obrigados também a vender seus bracos aos capitalistas e sofrer as mesmas condições que os outros operários.

Além de toda essa dureza da vida material os operários eram humilhados tratados com brutalidade e sem nenhum respeito.

Não podiam influir em nada nas leis e decisões que mudavam suas próprias vidas; tinham que se submeter em tudo às decisões dos patrões, do governo e da polícia.

A burguesia e o governo da época quando os trabalhadores se revoltavam, diziam que no Brasil não havia problema operário, mas sim "um caso de polícia".

Os capitalistas até mesmo diziam
que estavam fazendo um benefício ao povo
porque lhe davam trebalho.

Na realidade o povo é que fazia um "benefício"
para os capitalistas,
porque toda a riqueza, o capital que eles ajuntavam
sempre veio e só poderia vir
do trabalho dos operários.

Capital sem trabalho não produz nada de novo.

E os operários precisavam do emprego
que o capitalista oferecia
apenas porque os capitalistas, como já estudamos,
tinham tomade conta, usando a força,
de todos os meios de produção,
a começar da terra para plantar.

# 23 - A NECESSIDADE DE SE ORGANIZAR

Crescia e sofria a classe operária.

Sentiam os operários que nada podiam esperar
como melhoria de condições de vida e trabalho
que fosse dado de mão-beijada
pelos patrões e pelo governo.

Tinham já uma experiência de algum tempo que mostrava que só podiam conseguir alguma coisa unindo-se e organizando-se para lutar por seus direitos.

O custo de vida subindo, as condições de vida piorando faziam cada dia mais necessária a luta para se defenderem da exploração e para obterem um mínimo de melhoria.

Tudo isso fez com que nos primeiros anos da República aparecessem por toda parte um grande número de novas organizações operárias. As poucas organizações existentes no tempo do império cresceram e se multiplicaram quase de repente.

Além de aumentarem de número
as organizações de trabalhadores
também mudaram de feição.
Já não tratavam apenas
de agüentar os sofrimentos impostos à classe
tentando se defender pela ajuda mútua.
Davam um passo a mais e muito importante
na compreensão de sua situação
e no caminho da luta.
Procuravam já resistir contra a exploração capitalista,
não mais aceitar as decisões dos patrões,
mas unir-se e lutar juntos

para exigir seus direitos.

Impor também a vontade dos operários
e mudar alguma coisa da situação.

As organizações deixavam de ser apenas um refúgio e um conforto para o proletariado sofredor,

e passavam a ser representantes desse proletariado para enfrentar a classe burguesa e o governo, exigindo mudanças.

Tinham compreendido os operários
que se somente a burguesia
continuasse decidindo tudo
a situação dos trabalhadores só poderia piorar,
pois os capitalistas estariam sempre interessados
em aumentar cada vez mais seu lucro
por uma exploração cada vez maior do trabalho

e com os gastos menores possíveis.

Percebiam ascim que os interesses dos operários só poderiam ser satisfeitos em luta contra os interesses da burguesia.

## 24 - DIFICULDADES E FACILIDADES

Entretanto, é preciso dizer
que nem todos os operários
estavam prontos para entrar na luta.
Muitos dos brasileiros,
recém-saídos da escravidão
com uma mentalidade ainda própria da roça,
ainda não podiam compreender
e participar das organizações.
Na sua grande maioria eram analfabetos
o que tornava mais difícil comunicar as idélas
através de jornais o livros.
dependendo só da comunicação falada.

Os líderes operários, muitos deles estrangeiros, também não sabiam bem se comunicar com eles.

Também entre os imigrantes
havia aqueles que vieram para o Brasil
apenas com a intenção de enriquecer
e lutavam só para sua promoção individual,
com interesse apenas em deixar de ser operários
e, se possível, tornar-se capitalistas.
Por isso não queriam se arriscar nas lutas operárias.

Também muitos comerciários tinham uma mentalidade mais individualista e nem sempre entravam na luta dos trabalhadores, preferindo conseguir favores individuais pela colaboração com os patrões.

Apesar de tudo isso
uma grande parte dos trabalhadores
compreendiam a importância
de se organizarem
como a única maneira de adquirirem força
para lutar contra a injustiça do capitalismo.
Eram conscientes do valor de seu trabalho,
sabiam que a sociedade necessitava deles,

não desejavam delxar de ser trabalhadores mas sim ser tratados com justiça. Por isso as organizações e o Movimento Operário cresciam.

Algumas categorias profissionais tiveram um papel muito importante no movimento operário da época. Os gráficos, por exemplo, que eram necessariamente alfabetizados e que conheciam muito da arte de escrever e comunicar idéias. tiveram muita importância para a propaganda e para a formação dos outros operários. Também os marítimos e ferroviários. cuja profissão levava a viajar de uma parte a outra do país, tinham importante função nham importante função espalhando idélas operárias, transmitindo noticias. fazendo contactos entre as organizações das diferentes regiões do Brasil.

### 25 — COMO ERAM AS ORGANIZAÇÕES

Em comparação com o que são hoje os sindicatos, as organizações operárias daquela época eram bastante diferentes:

- O número de participantes era muito pequeno.
   Isso porque a classe operária era pequena em número
   e só entravam nas organizações
   aqueles que queriam mesmo participar.
   Isso fazia com que todos se conhecessem bem
   e que o sindicato fosse também
  um grupo de amigos, quase irmãos.
   Um operário daquele tempo dizia:
   "O sindicato era um prolongamento do nosso lar".
- A Importância de todos os participantes era praticamente Igual,
   e quase não se falava de dirigentes ou líderes, mas todos eram chamados simplesmente de militantes.
- 3. No princípio da república,

a maioria dos sindicatos eram mistos, formados por gente de vários ofícios, reunidos por morar no mesmo bairro ou na mesma cidade pequena. Podiam reunir-se também por nacionalidade. Havia, principalmente em São Paulo, uniões de operários Italianos ou alemães.

Aos poucos foram se firmando os sindicatos de trabalhadores do mesmo ofício, principalmente nas grandes cidades.

Reuniam-se por ofício, e não pelo ramo de indústria que os empregava.

Os mecânicos, por exemplo, reuniam-se na sua sociedade de mecânicos, mesmo que uns trabalhassem em fábricas de tecidos e outros em metalúrgicas.

Finalmente, nos anos da guerra foram se formando outros sindicatos que reuniam os trabalhadores pelo ramo de indústria em que trabalhavam. Por exemplo, todos os empregados da indústria de tecidos, fossem mecânicos, tecelães ou carregadores. Principalmente os dois primeiros tipos de sindicato, mistos e por oficio, contavam também com a participação de artesãos livres que, mesmo sendo trabalhadores manuais, tendo o mesmo oficio que os outros, trabalhavam por conta própria ainda, e ainda não haviam vendido sua força de trabalho para as indústrias capitalistas. Esses artesãos também se uniam aos operários porque sentiam que o capitalismo era seu inimigo, que ameacava a sua liberdade e que mais cedo ou mais tarde não poderiam mais agüentar a concorrência das fábricas, nem a dureza do custo de vida, e teriam que acabar fechando suas oficinas pequenas e vendendo sua força de trabalho para a burguesia industrial.

 Podia haver mais de uma organização de trabalhadores do mesmo oficio. e cada um escolhia em qual queria se inscrever.

 As formas de organização. de diretoria, de estatutos, no interior de cada sindicato, podía variar muito.

Além dos sindicatos ou organizações
locais ou por ofício,
os diversos grupos se reuniam
formando federações de sindicatos,
nas cidades ou nos estados
e confederações nacionais
que procuravam coordenar
a ação de todo o movimento operário do país.

Tanto quanto os sindicatos,
essas federações e confederações
sofriam a repressão policial,
e foram várias vezes
fechadas pela polícia e reabertas pelos operários.

Ao lado das organizações do tipo sindicato. compostas unicamente de operários para lutar por seus direitos diante dos patrões, havia também outras associações, fundadas por intelectuais, jornalistas, gente da classe média. com finalidades políticas e culturais, que buscavam também o apoio dos operários, e onde esses também passaram a participar fortemente. Eram principalmente os "centros culturais" e os "centros ou uniões socialistas". Havia muita relação entre esses centros e os sindicatos operários. pois muitos militantes participavam tanto em uns quanto nos outros, as mesmas idéias passavam de um para outros, e se auxiliavam na luta comum.

# 26 — A ATIVIDADE DAS ORGANIZAÇÕES

A principal linha de ação das organizações operárias da época era a união e coordenação dos trabalhadores nas suas lutas e reivindicações diante dos patrões e do governo.

Para isso, as organizações
promoviam constantemente
o estudo e a discussão dos problemas
que atingiam a classe,
e também a crítica da sociedade capitalista
para que se pudessem preparar
seus programas de luta e reivindicações.

Organizavam manifestações
sob a forma de comícios e passeatas,
comemoração do dia 1.º de Maio,
e organizavam greves
quando se tratava de exigir mudanças imediatas.

Mantinham em suas sedes
cursos de formação profissional,
de alfabetização e de cultura em geral,
sobretudo de formação social e política
para que os militantes fossem mais bem preparados.
Praticava-se nos sindicatos,
e até mesmo em algumas fábricas
durante o horário de trabalho
a leitura em voz alta
para que os operários que não sabiam ler
pudessem também se informar e se educar.

Organizavam grupos de teatro que prestavam grande serviço na formação do operariado, apresentando peças que traziam problemas e ideais operários.

Fundavam e mantinham jornais operários e escolas para os próprios operários e para seus filhos.

Para tudo isso muito contribuíam os gráficos, os jornalistas e os intelectuais socialistas amigos dos operários.

## 27 — AS REIVINDICAÇÕES OFERARIAS DA ÉPOCA

Durante todo o tempo que estamos estudando, isto é, desde a abolição, em 1838, até o fim da primeira guerra, em 1919, as reivindicações do movimento operário continuaram praticamente as mesmas, pois apesar de sua luta sem desânimo as condições de vida e trabalho não chegavam a mudar.

Havia greves e manifestações vitoriosas, sim, mas eram vitórias parciais, pequenos aumentos de salário, pequenas diminuições no horário de trabalho, mas que muitas vezes eram conseguidas por pouco tempo, e logo após terminada a greve os patrões voltavam atrás. Além disso, essas pequenas vitórias eram sempre insatisfatórias dado o constante aumento do custo de vida e a dureza da condição de vida dos trabalhadores.

Por Isso, vamos encontrar durante todos aqueles anos, as lutas operárias sempre em volta das mesmas reivindicações:

- A diminuição da Jornada de trabalho para 8 horas sem diminuição dos salários.
- 2. Aumento salarial.
- Descanso semanal de 36 horas seguidas, normalmente sábado à tarde e domingo, chamado "semana inglesa".
- Contra a repressão policial ao movimento sindical.
- 5. Contra o aumento do custo de vida.
- Pela regulamentação do trabalho da mulher e do menor.

Durante os anos da guerra de 1914 a 1918, também protestavam fortemente contra a guerra que baneficiava os capitalistas e tornava ainda mais dura a vida operária. É importante, porém, saber que não foi sem dificuldades e discussões que o movimento operário conseguia sua unidade.

Isso porque também naquele tempo
já havia no movimento
diferentes linhas, diferentes grupos
e correntes de Idélas,
principalmente quando se tratava das formas de ação.

Todos estavam de acordo em que era preciso lutar contra a exploração capitalista.

Mas havia muitas posições diferentes quando se tratava de planejar e organizar a luta.

O grupo mais forte, mais ativo,
e que certamente teve maior influência
no movimento operário
do período que estamos estudando.
fol o movimento anarquista.

Hoje as palavras anarquista, ou anarquia são usadas com o sentido de desordem, baderna. Mas o verdadeiro sentido das palavras anarquista ou anarquismo, como eram usadas naquele tempo.

não tinha nada que ver com desordem. Era sim um conjunto de ideais sociais e políticos que inspiravam operários e intelectuais não só aqui no Brasil mas em quase todos os países da América Latina, América do Norte e da Europa.

Foram principalmente os trabalhadores imigrantes que trouxeram da Europa para cá as Idéias e a prática anarquista.

# 29 - OS ANARQUISTAS, O ANARQUISMO E O SINDICALISMO

Assim pensavam

- os anarquistas, que também se chamavam socialistas libertários. ou simplesmente libertários:
- 1. Eram contra o capitalismo, isto é, um sistema de organização da sociedade no qual:

é permitido a poucos serem proprietários de todos os meios de produção, desde a terra até as máquinas.

a maioria da população é proletarizada, isto é, não possul nada mais senão sua força de trabalho e é obrigada a vendê-la ao capitalista em troca do salário para poder sobreviver.

onde é permitido ao capitalista, dono dos meios de produção. dar ao trabalhador, na forma do salário, apenas uma pequeníssima parte daquilo que o próprio trabalhador produzlu.

onde é permitido ao capitalista apropriar-se, Isto é. tomar só para si, na forma de lucro,

a maior parte da produção. fruto do trabalho e esforço dos operários.

e com isso aumentar seu capital, quer dizer, dominar cada vez mais

todos os meios de produção.

onde, assim, o rico se' torna sempre mais rico. e o pobre trabalhador fica sempre mais pobre porque, recebendo apenas um mínimo, que mal dá para seu sustento. nunca sobra nada para ele, que lhe permita adquirir também meios de produção. Assim fica ele sujeito a todas as exigências e exploração

Portanto, os anarquistas eram contra o capitalismo, não só contra cada patrão capitalista, nem só contra os "maus patrões", ou "maus capitalistas", mas contra a própria organização da sociedade de forma capitalista.

por parte do capitalista.

2. Eram contra o Estado, isto é, contra a existência de governos mesmo eleitos pelo povo, mas no qual o povo transfere para apenas alguns o direito e o poder de decidir a respeito da organização social.

Eram contra o governo da sociedade capitalista, claro, pois sabiam que esse governo era feito para defender os interesses dos capitalistas. Mas eram contra, também, qualquer forma de Estado, de governo, mesmo numa sociedade do futuro, que não fosse capitalista. Isso porque acreditavam que quando um povo concede mais poder a um pequeno grupo de governantes, que se torna assim mais poderoso do que a maioria da população, esses governantes não buscarão o bem do povo, mas se corromperão e buscarão apenas seu interesse oprimindo e explorando os outros.

A palayra "anarquia" quer dizer lustamente isto: "sem governo", ou ausência de governo, ausência de poderosos, Igualdade total de todos os cidadãos.

Por isso. quando se tratava da ação sindical. os anarquistas também eram contra certas formas de ação.

3. Eram contra A ação indireta, quer dizer, contra a entrada dos trabalhadores na luta eleitoral dos partidos políticos, para eleger seus próprios representantes deputados, senadores, governantes. Os anarquistas não acreditavam que esses representantes fossem mesmo defender

os direitos dos trabalhadores. Achavam que, uma vez chegando no governo. iriam se corromper. e culdar apenas de seus interesses pessoais. Além disso achavam que se os trabalhadores passassem a responsabilidade de lutar por seus direitos para apenas as mãos de alguns representantes, junto ao governo. se acomodariam. ficariam esperando soluções dos políticos, perderiam a iniciativa e a força. Também não queriam que as divergências entre os partidos políticos. formados pela classe média e burguesia, · viessem trazer suas rivalidades para dentro do movimento operário.

4. Eram contra a existência de "governos" dentro do movimento operário, isto é, de diretorias com muito poder de decisão, independentes dos outros sócios, que pudessem manobrar o movimento operário sem a participação e decisão de todos.

## Os anarquistas:

1. Eram a favor de uma revolução social total, e não apenas da melhoria da vida dos trabalhadores dentro do capitalismo. Queriam uma sociedade nova em que não houvesse classes socials. quer dizer. em que não houvesse a classe dos proprietários capitalistas. donos de todos os meios de produção, e em que não houvesse uma classe proletária, que não possul nada, só a força de trabalho. Oueriam uma sociedade de trabalhadores. trabalhadores manuals ou intelectuals. organizados em associações profissionais. e donos de seus meios de produção, unidos pela solidariedade para o bem de toda a sociedade.

- 2. Eram a favor dos sindicatos. com a participação de todos os trabalhadores, agora como meio de lutar contra o capitalismo. e, na sociedade do futuro, como meio de organizar a vida social, de distribuir a produção entre todos conforme seu trabalho e suas necessidades, como melo de organizar a educação e a formação profissional. O sindicato seria a base da organização de uma nova sociedade, que não teria necessidade de outra forma de governo. nem de polícia, nem de exército, pois os próprios trabalhadores cuidariam de seus Interesses. da ordem, da justiça e do progresso. Por tudo isso, quando se tratava da luta operária no Brasil do começo desse século. eram a favor:
- 3. da ação direta, isto é. do uso, pelos trabalhadores. de formas de luta que só dependessem da atividade dos próprios trabalhadores, e não de políticos ou outras pessoas não operárias. Essas atividades eram as manifestações públicas, declarações e protestos, o bolcote e a sabotagem da produção. e principalmente a greve. Acreditavam que um dia, através da greve geral revolucionária. poderiam tomar o poder na sociedade, tomar dos capitalistas os meios de produção, destituir o governo burguês de seus poderes, e reorganizar toda a sociedade com base nos sindicatos.

Embora fossem Idéias trazidas do estrangeiro, as Idéias anarquistas eram bem recebides pelo proletariado brasileiro porque correspondiam às necessidades dos operários brasileiros daquele tempo. Sendo uma minoria, e nem sequer sendo eleitores, diante de um governo de latifundiários que só se preocupava com os interesses da agricultura, era fácil para os operários concordarem com as idéias anarquistas que negavam a necessidade de governo, e preferiam a ação direta dos trabalhadores.

Como veremos, foi a linha dos anarquistas que teve maior influência no período da Resistência Operária,

## 30 — OUTRAS LINHAS DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Havia, entretanto, outros grupos,
que divergiam, em parte ou muito,
da maioria anarquista.

Alguns eram muito ativos e dedicados,
mas não tão numerosos nem tão Influentes
quanto os anarquistas.

Ouase todos se apresentavam como socialistas, e contra o capitalismo.

Alguns não tinham idéias muito claras, apenas eram contra o capitalismo, e desejavam uma sociedade mais justa, mas não tinham, como os anarquistas, uma idéia bem clara de como organizar essa sociedade.

Outros, os socialistas reformistas,
acreditavam que através da luta política,
e da entrada de trabalhadores no governo,
poderiam conseguir modificações nas leis,
que dessem melhores condições aos operários,
e controlassem a exploração dos capitalistas.
Esses queriam que o movimento operário
se orientasse para a formação
de um partido político operário,
a fim de eleger representantes operários nas câmaras,
e de eleger governantes operários.
Algumas vezes, embora poucas,

conseguiam eleger seus representantes
mas, por esse meio,
nunca conseguiam mudanças reais,
pois o governo era mesmo
do domínio da burguesia e proprietários.
Lembramos também que poucos eram os operários eleitores,
pois não podiam votar
nem os estrangeiros,
nem as mulheres,
nem os menores,
nem os que não sabiam ler e escrever.

Assim, sendo tão poucos eleitores,
nunca podiam eleger
um número bastante grande de representantes,
para poder influir alguma coisa no governo.

Nem os outros políticos,
que não vinham da classe operária,
também não se interessavam
por agradar os operários,
pols esses não podiam dar-lhes
muitos votos nas eleições.

Havia ainda alguns, embora poucos, que se deixavam "comprar" pelos favores dos patrões, e tentavam agir de maneira a "acalmar", os operários e "evá-los a aceitar as propostas dos patrões.

Uma outra corrente importante era a dos socialistas marxistas, ou comunistas, que ainda era pequena, mas já começava a se firmar no Brasil.

Entretanto, como já dissemos, cabia, sem dúvida, aos anarquistas a maior influência na animação do movimento operário no período da "Resistência Operária", entre 1888 e 1919.

## 31 — OS OPERÁRIOS E A POLÍTICA

Embora seu objetivo principal, e a linha própria dos anarquistas. fosse a luta propriamente operária,
para defesa de seus direitos de classe,
os operários também se manifestavam
em relação a outros problemas
da política nacional e internacional.
Isso porque percebiam que afinal
a dureza da vida operária estava muito ligada
com outros fatos da vida do país e do mundo.

# 32 — VIOLÊNCIA POLICIAL CONTRA O MOVIMENTO OPERÁRIO

Embora fossem muito ativas
a maioria das organizações tinha vida curta,
A principal razão
que impedia a sobrevivência
das organizações operárias
era a intervenção da polícia
que, com qualquer desculpa,
invadia e fechava sindicatos e associações,
prendia os militantes operários
e expulsava do Brasil os operários estrangeiros
que entravam nas lutas operárias.

Isso acontecia porque a burguesia capitalista
também compreendia a importância dos sindicatos
como força dos trabalhadores.
Sendo o governo formado por homens
das classes ricas,
proprietários rurais e industriais capitalistas,
utilizava as forças policiais
para defender os interesses dos patrões
e Impedir os operários de se organizarem,

A burguesia e o governo
negavam que houvesse no Brasil
qualquer problema social,
ou que os trabalhadores tivessem razão
em seus protestos e reivindicações.
A polícia tratava como criminosos
os operários que participassem das lutas,
prendendo-os, espancando e expulsando-os.
O Juiz Vicente de Carvalho, de São Paulo,
homem honesto e corajoso,
denunciou vários crimes dessa espécie

praticados pela polícia, contra trabalhadores,
e por causa disto foi afastado do cargo
e aposentado à força.

Ouvia-se com freqüência,
da boca de patrões e políticos:
"No Brasil, a questão operária
é um caso de polícia".

A parte da imprensa, os grandes jornais,
que pertenciam aos capitalistas
e por isso defendiam seus interesses,
justificavam a violência da polícia,
dizendo que as manifestações e greves
eram provocadas por "agitadores estrangeiros,
pagos por outros países,
que faziam isso
para atrapalhar a industrialização do Brasil".
Isso também era o que dizia o governo e os patrões.

Inventavam também muitas mentiras a respelto dos anarquistas: diziam que eles eram criminosos. que queriam acabar com o governo através de assassinatos e bombas. Incêndios e violências. Houve um famoso caso de um Incêndio da Casa Alemã, em 1909, em São Paulo. Foram injustamente acusados os operários anarquistas. Dizia a Imprensa que o Incêndio tinha sido provocado por uma tal "Mão Negra" que os lornalistas diziam ser uma organização anarquista. Os anarquistas, que não cometeram nenhuma violência, não podiam defender-se nos grandes Jornais que não lhes davam a palavra. Só contavam com suas pequenas publicações que não atingiam outras faixas da população.

Para dar ainda meis liberdade à policia para perseguir os trabalhadores, o governo enviou à Câmara dos Deputados, através do deputado Adolfo Gordo, uma nova lei que foi aprovada no início de 1904. Essa lei, que ficou chamada "Lei Adolfo Gordo", tinha como finalidade
impedir a formação de organizações operárias
e movimentos grevistas.

Dava poderes especiais à polícia
para reprimir os trabalhadores,
premiava os delatores e espiões
no meio operário,
criava para os operários estrangeiros
a pena de expulsão do Brasil,
e para os brasileiros
o exílio nos seringais do Acre,
nos sertões do Nordeste
ou outras regiões distantes
dos centros industriais.
Não havia necessidade de processo na justiça,
bastando uma acusação feita pelo patrão.

. Não havia necessidade de processo na justiça, bastando uma acusação feita pelo patrão, ou por um fura-greves, para que os militantes fossem presos ou expulsos.

Mas o fechamento pela polícia de uma organização não desanimava os trabalhadores e não impedia que logo se fundassem outras.

Everaldo Dias, que foi militante operário naqueles anos, conta num livro que escreveu que de 1888 até 1820 não houve no Brasil nenhum sindicato nem organização operária que não tivesse sofrido repressão da polícia.

Outra razão para que muitas organizações
nascessem e morressem em pouco tempo
era que a própria indústria brasileira
sofria do mesmo mal.
Por falta de experiência dos industriais
e por outros problemas econômicos
fábricas também se abriam e fechavam em pouco tempo,
deixando os trabalhadores desempregados,
tendo que mudar de ofício
ou mesmo de cidade

Mas a principal razão para a vida difícil das organizações operárias era mesmo a repressão policial. 3a. PARTE
PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA
LUTA OPERÁRIA

# 33 — INÍCIO DA RESISTÊNCIA, DE 1868 A 1903

Desde os primeiros anos da República, as greves e manifestações operárias que já tinham começado antes da Abolição foram aumentando. Vejamos quais foram os principale aco

Vejamos quais foram os principais acontecimentos:

No Rio de Janeiro, em 1891
houve uma greve dos caixeiros, comerciários,
para diminuir a jornada de trabalho,
e uma greve dos ferroviários da Central
em apoio ao Marechal Deodoro
por razões políticas.

Desde 1889, data da proclamação da República,
tinha sido decidido pelo Congresso Operário Internacional
reunido na cidade de Paris, na França,
comemorar o dia 1.º de maio
como o dia Internacional da união e da luta operária.
Nesse mesmo ano, a data já foi comemorada,
na América Latina, em Buenos Aires,
e a Federação Americana do Trabalho
propôs que esse dia
fosse ferlado em todo o mundo
como data operária.

Mas, no Brasil, no ano de 1894, a polícia de São Paulo invadiu uma casa onde se encontravam 9 operários italianos e mais alguns brasileiros que planejavam a comemoração do 1.º de maio.

As greves se sucedem : Em 1895, no Rio de Janeiro, greve dos operários das oficinas da Central para aumento de salário.

Em 1900, realizou-se no Rio uma greve dos estivadores por aumento de salário, e autra dos sapateiros, pelo mesmo motivo, que durou 2 meses. Em 1901, realizou-se em São Paulo
uma greve de tecelões por atraso no pagamento,
violentamente reprimida pela polícia.
Também em São Paulo, uma greve dos chapeleiros,
pelos mesmos motivos,
acompanhada de hoicote da produção.

Em 1902, greve dos tecelões do Rio de Janeiro por aumento de salário e diminuição da Jornada de trabalho.

Em 1903, duas greves dos tecelões do Rio,
a primeira de 20 dias, com 25.000 operários,
duramente reprimida pela polícia;
a segunda vitoriosa,
conseguindo pequeno aumento de salário
e pequena redução no horário de trabalho.

No mesmo ano, também no Rio, uma greve vitoriosa dos estivadores por aumento de salário e diminuição da jornada de trabalho.

Em 1903 o movimento operário ganha nova força, pela fundação de dezenas de novos sindicatos, apesar da perseguição policial que nunca faltou às organizações operárias.

O governo do Presidente Rodrigues Alves, que defendia os interesses dos grandes proprietários e capitalistas, preocupado com o desenvolvimento do movimento operário, e com a revolta dos trabalhadores, encarrega a polícia de resolver o problema.

#### 34 - ANO DE 1904

Assim, em 1904
a mando do governo,
a Câmara dos Deputados
aprovou a famosa lei Adolfo Gordo,
para der mais poderes à polícia.

Apesar disso, não morre o movimento.

pois nesse mesmo ano, após a nova lei,
fundaram-se 27 novas entidades operárias,
somente nas cidades de São Paulo,
Santos, Campinas, Jundiai, Rio Claro
e Rio de Janeiro, sem contar
outros estados do Brasil.

Não cessaram também as greves:

Greve dos Marítimos do Rio de Janeiro, e uma greve dos conheiros da Saúde Pública, em protesto contra 3 meses de atraso dos salários, reprimida pela polícia.

Em São Paulo, pela primeira vez, conseguiu-se comemorar o 1.º de maio com uma concentração num teatro local, discursos e distribuição de jornais operários.

Aconteceu, naquele ano, uma terrivel seca nos estados do Nordeste. sem que o governo tomasse providências para socorrer a população. Assim, os operários dos outros estados fizeram uma grande campanha para recolher recursos que foram enviados ao Nordeste para socorrer os flagelados pela seca. Diziam, naquele ano, os militantes operários que "o 1.º de malo de 1904 não poderia ser comemorado. por aqueles que aspiram à socialização das terras, sem revolta. quando sablam que no norte do Brasil milhares de pessoas morriam de fome."

Revoltavam-se os operários com o fato de que o governo, em vez de socorrer os flagelados que morriam de fome no nordeste, gastavam o dinheiro do povo pondo a polícia

# para perseguir trabalhadores da Indústria.

Por toda a parte, no Brasil, fundavam-se jornais operários, publicavam-se livros e folhetos para espalhar as idélas operárias e socialistas.

### 35 - ANO DE 1905

Greves no Rio de Janeiro
dos motorneiros e condutores de bondes.
Greve em São Paulo, dos gráficos
para aumento salarial.
Greva em Sorocaba, dos tecelões
exigindo aumento salarial.

Finalmente, no fim do ano, rebenta em Santos a primeira greve geral. Até então, as greves tinham sempre sido feitas por categorias profissionais, ou pelos operários de uma única empresa. Desta vez, porém, atingiu praticamente todos os operários da cidade. Entretanto essa greve fracassou. porque o presidente da Sociedade Internacional União Operária, órgão que reunia os trabalhadores santistas, uniu-se com alguns fura-greves 6 tralu o movimento da classe. Por causa disso. aconteceu a primeira divisão dentro da Sociedade Internacional União Operária Como vemos, já naquele tempo existia o perigo de que aparecessem traidores de seus companheiros.

### 36 - ANO DE 1906

Ano importantíssimo para a luta operária no período da "Resistência". Groves explodiram durante todo o ano, sobretudo na cidade de São Paulo. Greve dos cocheiros e carregadores, exigindo aumento de salário e redução do dia de trabalho, que conseguiu uma vitória.

Greve de 35 días dos operários de fábricas de tecidos da cidade de São Bernardo, derrotada pela violência policial.

Nova greve, em São Paulo, desta vez dos chapeleiros que conseguiram vencer os industriais.

Fundou-se em São Paulo
o Grupo Filodramático Libertário,
grupo de teatro operário,
que promovia espetáculos teatrais.
A renda dos espetáculos daquele ano
foi enviada toda para a Rússia,
em auxilio às famílias de operários militantes
fuzilados na cidade russa de São Petersburgo,
pela polícia do czar da Rússia,
lsso mostra como era grande
a informação, a lipeção e o interesse
que tinham os trabalhadores brasileiros
pela sorte e pelas lutas
dos operários de todo o mundo.

Realizavam-se também, de costume, comícios e manifestações para comemorar todos os grandes acontecimentos da luta dos proletários do mundo todo.

### 37 — MULTIPLICAM-SE AS ORGANIZAÇÕES

Desde os primeiros anos da República multiplicavam-se as organizações. Entre elas, podemos citar, antes de 1906;

Club Internacional Filhos do Trabalho,
em São José do Rio Pardo.
Sociedade Internacional União dos Operários,
em Santos.
Centro das Classes Operárias,

também de Santos. Centro de estudos Sociais, Liga Operária, União Operária e União dos Trabalhadores Gráficos, todas em Campinas. União Operária em Ribeirão Preto. Federação Operária de São Paulo. Centro Artístico Cearense de Fortaleza. Centro Protetor dos Operários em Pernambuco. Centro Operário e União dos Artistas de Campos. União Operária, do Rio Grande do Sul. O Grupo dos Homens Livres e a Liga Operária Internacional. a Sociedade Mútua de Proteção de Alegrete. União Operária de Cruz Alta, Clube 1.º de Maio da Margem, Liga Operária Cachoeirense. Sociedade Tipográfica Riograndense, todas no Rio Grande do Sul. A Liga dos artistas Alfaiates, São Paulo, União dos Operários das Pedreiras, Associação de Resistência dos Trabalhadores em Carvão Mineral, Centro dos operários Marmoristas. União dos Operários Estivadores. Centro dos Empregados em Ferrovias, União dos Chapeleiros, Liga Operária Italiana. Liga dos artistas Alfaiates, e multas outras, só do Rio de Janeiro.

C!tamos aqui apenas algumas para ter um exemplo, mas foram dezenas e dezenas de sindicatos, que se formavam por toda a parte, com diferentes nomes. Podiam chamar-se:

Associação Operária, Associação de Resistência, Allança Operária ou Centro Operário, Centro Cosmopolita, Grêmio Popular,
União Operária, Liga Operária,
Liga de Resistência,
Sociedade Operária, Sociedade União e Defesa,
União de Resistência, União Protetora,
União Internacional, etc...

Mas embora os nomes fossem diferentes, sua prática já era mesmo sindicalista, de organização, defesa e luta pela classe.

A partir de 1906
 é que começa a aparecer o nome "Sindicato": a partir do I Congresso Operário Brasileiro, Organizado pelo Movimento Operário Do Rio de Janeiro.

Já em 1898, no Rio Grande do Sul, tinha sido feito um congresso operário, mas apenas da região, não chegando a ser nacional.

Também já se haviam realizado,
dois congressos socialistas,
um em 1892 no Rio de Janeiro,
outro em 1902 em São Paulo.

Mas, mesmo contando com a participação de operários,
não tinham sido verdadeiros congressos operários,
pois não reuniram apenas representantes de sindicatos,
mas sim socialistas de qualquer profissão ou classe.

O Congresso Operário do Rio, em abril de 1906, foi o primeiro que teve realmente um papel necional, e contou com a participação de representantes de vários pontos do país.

Quase todas as organizações que já citamos, e ainda muitas outras, enviaram seus representantes

## 38 — CONCLUSÕES DO 1.º CONGRESSO OPERÁRIO

Vejamos quais foram as principais decisões desse Congresso:

- A Criação de uma Confederação Operária Brasileira, união das Federações estaduais e sindicatos, que de fato começou a funcionar, em 1908, contando logo com a adesão de dezenas de organizações.
- Fundação de um jornal,
   "A Voz do Trabalhador",
   órgão da Confederação,
   que também passou a circular
   em 1908,
- 3. A organização dos operários
  em associações de resistência econômica,
  isto é, que lutassem pelos direitos
  dos trabalhadores no plano econômico,
  exigindo eles mesmos medidas
  por parte dos patrões e governos,
  sem esperar a ajuda de políticos
  que não pertencessem à classe,
  e sem permitir a entrada
  dentro dos sindicatos,
  das lutas dos partidos políticos do país,
  para evitar a criação
  de inimizades e desunião entre os operários.
- 4. Que a finalidade dos sindicatos era a resistência ao capitalismo e a reivindicação dos direitos da classe, e não ser órgãos de assistência, beneficientes ou cooperativistas. Achavam os congressistas que essas atividades de assistência, embora atraissem muitos trabalhadores, atrapalhavam e desviavam o sindicato de sua verdadeira finalidade de resistência, e até facilitavam a exploração da classe por parte dos patrões. pois adoçava um pouco a situação do operário, fazendo-o acomodar-se em vez de lutar. Assim, decidiram os congressistas que os sindicatos não deveriam mais ter caixas de ajuda mútua,

- mas apenas caixas com os fundos necessários para sustentar a formação e luta reivindicatória.
- Dada a dureza da situação da mulher operária, empregar todos os esforços para a fundação também de sindicatos femininos que trabalhassem em união com os sindicatos masculinos.
- Que os sindicatos não deveriam ter funcionários remunerados. Isto é, militantes que ganhassem dinheiro para trabalhar pelo sindicato. para não criar inimizades. e não atrair os interesseiros e aproveitadores. Queriam que os militantes trabalhassem realmente por amor sincero à classe. Diziam ainda que. nos casos de absoluta necessidade. por acúmulo de servico. poderiam contratar um ou outro. mas que estes não deveriam ganhar do sindicato nada mais do que se estivessem trabalhando numa fábrica, em sua profissão. Ainda mais, decidiram que os sócios que ganhassem para trabalhar no sindicato deviam ser de preferência aqueles que por doença ou acidente não pudessem mais trabalhar em fábricas. e que não poderiam votar nem ser votados.
- 7. Que os sindicatos não tivessem diretorias, que agissem e decidissem por si, separadas dos sócios. mas apenas comissões administrativas para certas tarefas, de modo que todos os sócios participassem e assumissem igualmente o poder e a responsabilidade.
- Que as sociedades de resistência, ou sindicatos, não deveriam admitir patrões, nem outra espécie de não-trabalhadores, mas unicamente trabalhadores assalariados,

que não explorassem por sua conta nem operários nem aprendizes.

- Que os próprios mestres e contra-mestres não deviam ser admitidos nos sindicatos, por serem, no lugar que ocupavam, representantes dos patrões, e muitas vezes seus espiões.
   Mas admitiam que em alguns casos, podia-se fazer uma exceção.
- Concentrar esforços em todo o país na luta pela redução da jornada de trabalho para apenas 8 horas diárias, sem diminuição do salário. Esta era, além do mais, a grande luta dos operários no mundo todo.
- Lutar contra o militarismo e as guerras, e contra a intervenção da força armada nos problemas entre operários e patrões, através de propaganda e protestos.
- 12. Fazer ativa propaganda entre os operários para que não aceitassem mais o trabalho por peça ou empreitada, (o que hoje chamamos "por produção") porque arruina a saúde do trabalhador, faz com que cada um procure sozinho ganhar mais dinheiro, mesmo prejudicando seus companheiros de ofício, e porque esses sistemas eram uma grande barreira para a conquista das 8 horas de trabalho.
- 13. Que as formas de luta do Movimento Operário deveriam ser aquelas que só dependessem da ação dos próprios operários diretamente.

  Essas formas deviam ser:
   a greve parcial ou geral,
   as declarações e manifestações públicas,
   a sabotagem da produção,
   (isto é, estragar matéria prima ou máquinas,
   atrasar o trabalho, ou outras formas de diminuir a produção

para forçar um acordo do patrão.)
e o boicote da produção
(isto é, através da propaganda
levar o povo a recusar comprar certo produto,
levando a produção a ficar encalhada,
também para forçar o capitalista
a ceder por medo do prejuízo.)

14. Que se devia dar preferência à luta pelas 8 horas de trabalho, em lugar da luta apenas por aumento salarial. Eles achavam que com a diminuição da jornada, os capitalistas teriam que empregar mais homens, para manter a mesma produção, ou aumentá-la. Assim, diminuiria o número de desempregados, aumentaria a procura de mão de obra por parte dos industriais, e diminuiria a oferta de mão de obra por parte dos trabalhadores, o que faria aumentar os salários, necessariamente. Isto por causa da "lei da oferta e da procura" que reina na sociedade capitalista, como já vimos no primairo caderno. Ouando falta uma mercadoria no mercado, o preco da mercadoria sobe; quando falta mão-de-obra, o salário, que é seu preço, sobe.

Assim, lutar pela diminuição da Jornada era lutar indiretamente pelo aumento salarial.

A partir desse congresso.

cresceu e desenvolveu-se ainda mais
o Movimento Operário no Brasil,
seguindo na sua maioria
a Ilnha de atuação definida pelo Congresso.

### 39 - O 1.º DE MAIO DE 1906

Nesse ano, também, crescem e se desenvolvem as comemorações do 1.º de Malo: Pela primeira vez, no Rio de Janeiro, a data foi comemorada em praça pública com um grande comício.

Em Sác Paulo, os sindicatos dos gráficos, com apoio dos outros trabalhadores, comemoraram o dia do operário com apresentações teatrais em vários teatros da cidade.

Foram apresentados dramas sociais que mostravam os problemas operários, os males do capitalismo e animavam os trabalhadores à luta.

Em Santos também
a data foi comemorada em praça pública
com um grande comício realizado à tarde.
A noite realizaram reuniões e conferências
nos salões da Sociedade Internacional
e da União Operária.
Tudo isso foi feito apesar da proibição policial,
e apesar do governo ter enviado
o Cruzador Barroso, navio de guerra,
do Rio de Janeiro, para o porto de Santos,
para amedrontar os trabalhadores
e defender os interesses
dos proprietários da Companhia Docas.

Em Jundial houve um comicio comemorativo no teatro local.

Em Campinas fizeram-se conferências e distribuiu-se o 1.º número do jornal "A Voz Operária".

# 40 - A GREVE DOS FERROVIÁRIOS PAULISTAS EM 1906

A greve mais importante
no ano de 1906
foi a dos ferroviários
da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.
Os empregados das oficinas
assim como os que moviam os trens,
há muito estavam descontentes:
os salários que já eram muito baixos,

estavam sen lo ainda mais diminuídos.

Os chefes da Companhia
conforme lhes desse vontade,
inventavam feriados e dispensavam os trabalhadores
reduzindo assim muitas vezes
a semana a apenas cinco dias.
Isso era grave, porque naquele tempo
os operários só recebiam pelos dias que trabalhavam,
e nada nos domingos e feriados.
Assim, feriados na semana
diminuíam de pelo menos 10% o salário.

Além disso, os diretores da Companhia tinham inventado uma tal Sociedade Beneficente, que servia para dar empregos a parentes e amigos dos próprios diretores.

Para essa Sociedade todos os operários eram obrigados a contribuir por meio de descontos nos salários.

Com tudo isso, a situação dos empregados da companhia era praticamente de miséria.

Tentando os trabalhadores '
reclamar pacificamente seus direitos,
os diretores da Companhia
insultaram e despediram os operários
que eram militantes da Liga Operária.

Revoltados, os ferroviários decidem
deflagrar uma greve.

A greve começou no dia 15 de Maio,
em Jundiaí e Campinas,
atingindo também São Paulo
e paralizando o movimento dos trens
em toda a linha.

O transporte das mercadorias parado, era muito prejuízo para os capitalistas. Alarmou-se a burguesia e o governo.

A Imprensa espalhava mentiras contra os grevistas.

A polícia perseguia
os "cabeças" da greve,
e tentava convencer alguns operários
a trair seus companheiros
mas não o conseguiu.
Os policiais invadiram então
a sede da Federação Operária
e de um jornal operário,
quebrando tudo
e espancando os que ali estavam,
inclusive mulheres e crianças.

Os engenheiros da Companhia
tentavam fazer funcionar os trens,
mas eram incapazes
e até provocavam acidentes.
Então o governo tentou obrigar
os maquinistas de outras companhias,
da São Paulo Railway, Sorocabana e Mogiana,
a movimentarem os trens da Paulista.
Mas os outros ferroviários,
solidários com seus companheiros grevistas
se recusaram a obedecer.
O governo mobilizou então
maquinistas da Armada Nacional
para servir à Companhia Paulista.

No dia 30 de malo
o movimento grevista foi esmagado à força:
um comicio foi dissolvido a bala, pela Força Pública
matando um trabalhador.
Em São Paulo, outro comicio foi dissolvido
a patadas de cavalo e sabre de militares.

Outras categorias de trabalhadores
e os estudantes apoiavam os grevistas.

A polícia invadiu e depredou
o páteo da Faculdade de Direito,
e o governo mandou fechar a faculdade.
Um estudante de direito
salu ferido à bala.

Ao mesmo tempo, tropas de choque da polícia invadiam as casas dos ferroviários. espancando e ameaçando mulheres e crianças para que revelassem onde se encontravam seus parentes grevistas.

Os operários que eram encontrados eram levados por escolta para as oficinas da Paulista e all obrigados a trabalhar sob a mira das armas.

Os que resistiram foram para as prisões.

A violência foi tanta que o comércio de Jundiai fechou as portas.

Em Santos e Rio de Janeiro
os que protestaram contra a violência das autoridades
também foram presos, espancados,
e até alguns deportados, isto é,
expulsos do país.

A Imprensa deu cobertura aos fatos, sempre ecusando os trabalhadores e apoiando a violência do governo.

Mas, de tudo isso, saíram mais unidos os ferroviários, os outros trabalhadores e os estudantes.

## 41 — ANO DE 1907

Se era dura a repressão policial,
mais dura ainda eram as condições de vida
e a exploração capitalista
que os operários sofriam.

E mais forte era a sua esperança
na união e na luta da classe.

Tanto que não se deixavam desanimar
pela perseguição policial,
mas prosseguiam na luta, como veremos.

O 1.º de Maio daquele ano conforme a recomendação do Congresso de 1906, tinha como bandeira a luta pelas 8 horas de trabalho. Embora proibido pelas autoridades foi comemorado com grandes concentrações em várias cidades.

Como os patrões não se mostrassem dispostos a reduzir as jorgadas de trabalho, restava aos trabalhadores fazer greve para Impor seus direitos aos patrões.

Paralizaram o trabalho primeiro
os operários das indústrias Matarazzo,
de produtos alimentícios.
Em seguida aderiram
praticamente todas as outras categorias:
metalúrgicos, construção civil,
utensílios domésticos, marmoristas,
serralharias, cerâmicas, curtumes, funilarias,
vidrarias, lavanderias,
sapateiros, cigarreiros, marceneiros,
relojoeiros e ourives,
e até mesmo os empregados da limpeza pública,
jardineiros e outros empregados municipais.

Recebiam também a solidariedade de funcionários e pequenos comerciantes.

A greve se estendeu pelo interior do Estado: Campinas, Santos, Ribeirão Preto e São Bernardo.

Após 22 dias de greve, alguns setores,
construção civil e marcenarias,
sapateiros, canteiros e gráficos,
chapeleiros e parte dos têxteis
conseguiram vitória e voltaram ao trabalho.

Como outros setores ainda resistiam, a Federação Operária que dirigia o movimento grevista, decidiu o boicote dos produtos da empresa Matarazzo.

Finalmente, a 15 de Julho, tendo os outros sotores conseguido vitórias, cessou a greve. Mas como sempre,
os patrões não cumpriam as promessas
feitas na hora da greve.

Numa metalúrgica de São Paulo,
depois de 11 dias,
os operários tiveram que voltar à greve
porque o patrão queria voltar atrás.

O mesmo aconteceu em setembro, com outra metalúrgica, e dessa vez a policia reprimiu violentamente os grevistas.

É preciso dizer
que embora essa greve geral tivesse vitórias,
eram vitórias parciais,
pequenas reduções do horário de trabalho,
mas nunca as 8 horas reclamadas pelos operários.

Há greves por todo o país nesse mesmo ano.

No Rio de Janeiro,
duas greves dos carvoeiros
e uma dos pintores e eletricistas
do Teatro Municipal,
todas para redução do horário,
e parcialmente vitoriosas.

Em Pau Grande, estado do Rio, greve vitoriosa dos tecelães.

Em São Paulo ainda, greve das costureiras e cortadores, perseguidos e espancados pela polícia.

Na Bahia, 2.000 tecelães do Empório Industrial do Norte, vão à greve por aumento salarial. Cento e cinqüenta policiais invadem a fábrica e forçam um acordo entre patrões e empregados.

Para forçar o barateamento dos gêneros alimentícios,

os trabalhadores organizam também boicotes, ou "greves de compras".

Para protestar contra os altos aluguéis.

e lutar pelo seu barateamento,
fundam-se nesse ano
as Ligas do Inquilinato,
e faz-se propaganda
da greve do aluguel,
com o povo recusando-se a pagar os aluguéis.

A luta dos trabalhadores,
liderada pelos trabalhadores anarquistas
chegava a todos os setores de vida social,
inclusive a higiene.

Para apurar denúncias feitas pelos operários o governo acaba por fazer uma investigação nas oficinas da Imprensa Nacional, perfencente ao próprio governo, e descobre-se que das 46 crianças all empregadas, crianças de 12 a 14 anos, apenas 15 não estavam tuberculosas.

Nas outras fábricas de todo o país a situação era semelhante.

### 42 - ANO DE 1908

Os trabalhadores das Docas de Santos eram obrigados a trabalhar até 18 horas por dia. Entram em greve pela diminuição da jornada. Para o governo e a burguesia a paralização do porto era um grande prejuízo. porque por ali passa toda a exportação do café. Por isso, como sempre, o governo enviou navios de guerra do Rio de Janeiro para Santos. A polícia atacou com tal violência que os operários acabaram por responder também com violência. Houve explosões e tirotelos. mortos e feridos.

Finalmente, não mais podendo resistir
à polícia e à Força Pública,
os operários foram vencidos.
Os que não estavam mortos, teridos,
presos ou deportados
foram obrigados a voltar ao trabalho
sob a mira das armas.
E o horário de trabalho continuou o mesmo.
Vão à greve os chapeleiros de São Paulo
para redução da jornada.
São derrotados
por causa dos fura-greves, ou "crumiros"
como se chamavam naquele tempo.

Greve do soleiros em Guarulhos, de tecelões em São Paulo, dos operários de Itu.

Em abril reune se em São Paulo
o 2.º Congresso Operário Estadual de São Paulo.
Vinte e dois sindicatos tomaram parte.
A linha adotada era, praticamente,
a confirmação do Congresso Nacional
de 1906.

Durante esse ano.
encontrava-se no Congresso Nacional.
Isto é, Senado e Câmera dos Deputados,
uma lei nova para ser votada,
que criava o serviço militar obrigatório.
Por todo o país os sindicatos operários
moveram uma campanha contra a lei,
contra o militarismo e as guerras,
o que provocou também forte perseguição policial.

### 43 — 1909 e 1910

Enquanto no sul do país
o movimento Operário
parecia passar por uma fase de desânimo,
durante esses dois anos,
cresce a luta operária no Nordeste.

Em janeiro de 1909 os ferroviários da estrada de ferro Great Western, do Nordeste do Brasil através de uma comissão de representantes, apresenta aos diretores ingleses da Companhia uma lista de reivindicações:

- Aumento de 50% para os que ganhavam menos de 250 mil reis mensals, e de 20% para os outros.
- Dois dias de folga por mês, sem diminuição do salário e sem ter que se apresentar as oficinas.
- Responsabilidade da empresa
   nos casos de acidentes de trabalho.
- Que nos casos de doença, os ferroviárlos não perdessem nem o emprego nem o salário.
- Mais dois passes livres para viagem, por ano, para os ferroviários e suas famílias.
- Pagamento de diárias aos empregados quando em serviço fora de suas oficinas e secões.

Os ingleses se recusaram a atender.

Dia 12 de janeiro inicia-se a greve.

Oito mil e quinhentos ferroviários em greve.

1.300 quilômetros de estradas de ferro
paralizadas.

Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte sem transporte ferroviário.

O povo nas ruas
apoiando os ferroviários,
pols também se sentia explorado
pelos altos preços do transporte
cobrados pelos ingleses.

Talvez por que se dirigia

contra patrões estrangeiros, essa greve teve apoio fora do comum de vários setores da sociedade.

A direção da greve
foi um modelo de boa organização.

No Centro dos Operários do Recife
a coordenação central da greve
sempre de plantão.

Comissões locais
em cada estação e entroncamento.

O telégrafo das estações
transmitindo notícias o tempo todo.

Piquetes organizados e pacíficos
garantindo a unidade da greve.

Movimentos de apoio financeiro
às familias dos grevistas
organizados com a ajuda
dos estudantes e da Ordem dos Advogados.

Realizavam-se nos 4 estados atingidos comícios, passeatas e manifestações de explicação e apoio à greve.

A companhia inglesa
tentou trazer operários do sul
para furar a greve.

Cerca de oitenta chegaram até à Bahla,
mas a boa organização dos grevistas
impediu que tomassem o trabalho.

O governo federal mandou ordem para que não se atendessem as relvindicações, e que se utilizassem as "forças estaduais" para acabar com o movimento.

Finalmente, com a intervenção de alguns conciliadores o governo deu ordem para se criar uma comissão mista, de patrões e ferreviários, para chegar a um acordo e acabar logo com a greve.

Ao mesmo tempo em que mandava ordem

para que a tropa do exército
se pusesse ao serviço dos ingleses,
o governo federal prometeu
que la interferir junto à Great Western
em favor dos trabalhadores.

Finalmente, após doze dias de greve,
os operários voltaram ao trabalho,
contando com a palavra do governador
de que parte das suas reivindicações
seriam atendidas.

Embora não completamente satisfeitos,
os ferroviários tiveram que aceitar
30% de aumento para os empregados
que ganhavam menos de 100 mil reis,
20% para os outros,
e 10% para os diaristas.
Dois dias de folga por mês,
e três passes livres por mês
para eles ou pessoas de suas familias,

Mesmo se as reivindicações feitas
só foram atendidas parcialmente.
a greve foi uma grande vitória,
vitória da unidade e da organização,
vitória da força operária,
que mostrou que quando os trabalhadores param,
tudo pára.

Oue mostrou que todo o lucro dos patrões
depende só do trabalho dos operários.

O ano de 1910 inicia-se,
principalmente nos estados do sul,
com um certo desânimo do movimento sindicalista.
Isto se explica, porque sendo nessas regiões
que grande parte dos operários eram estrangeiros,
a Lei Adolfo Gordo tinha feito
grandes estragos no movimento operário,
Dezenas de seus líderes tinham sido deportados,
vários sindicatos e Federações fechados,
após as grandes greves de 1906, 1907, 1908.

A polícia, porém, continuava vigilante.

As manifestações do 1.º de Maio de 1910 foram mais discretas e não puderam se fazer em praça pública.

Assim mesmo, em várias cidades foi comemorada a data, através da imprensa operária, e por meio de comicios, conferências e apresentações teatrais, dentro dos salões das organizações operárias.

Desenvolvem-se bastante, nessa época,
as atividades internas dos sindicatos,
principalmente centros de estudos,
conferências, bibliotecas,
tudo o que servisse
ao desenvolvimento cultural da classe.

Durante esse ano, também,
o Moivmento Operário Brasileiro
faz uma campanha de solidarledade,
junto com os operários do Urugual,
para apoiar as reivindicações
dos trabalhadores Argentinos,
que pediam a liberdade para seus companheiros
que se encontravam presos
por causa de sua luta por direitos justos.

Sentiam-se os operários brasileiros
unidos a seus companheiros
dos países vizinhos,
assim como aos proletários do mundo todo,
pois sabiam que assim como o capitalismo
é o mesmo em todos os países,
explorando da mesma forma os trabalhadores,
assim também a mesma é a sorte de todos os proletários.
Sabiam que a luta de todos era uma só.

### 44 - ANO DE 1911

Reanima-se já o movimento de reivindicações.

Fundam-se novos jornais operários, reorganizam-se sindicatos, criam-se novas escolas para os filhos dos trabalhadores. Recomeçam as greves:

Em Sorocaba paralizam o trabalho
os operários da construção civil
com adesão dos têxteis.
Os comerciários, de garçons a balconistas,
que participavam das Ligas operárias
apoiam os grevistas e o comércio fecha.
Pediam a redução do horário de trabalho
e depois de 15 dias obtêm vitória.

No Rio de Janeiro, greve dos sapateiros, por aumento salarial, vitoriosa, depóis de um mês.

Em São Paulo, greve da construção civil, por aumento de salário, também vitoriosa depois de 20 dias.

## 45 - ANO DE 1912

O movimento ganhava força de novo.

Em São Paulo 5.000 operários,
das indústrias de calçados, têxteis e gráficas,
entram em greves.
Outras fábricas estavam prontas a aderir.
Os patrões e o governo se alarmam,
a polícia invade sindicatos,
persegue violentamente e prende operários.
Mesmo assim, os trabalhadores
das fábricas de calçados
resistem durante 5 meses e 12 dias.
Afinal consequem vitória,
redução da jornada para 8 horas e meia,
e aumento de 10% de salário.

O 1.º de Maio foi comemorado em São Paulo
novamente em praça pública,
com concentrações no Largo da Concórdia
e no Largo de São Francisco,
com apoio dos estudantes.
O tema das comemorações desse ano
era a reorganização sindical
e o protesto contra a carestia.

Ainda no més de maio
a Federação Operária de São Paulo
decretou novo boicote
aos produtos da indústria Matarazzo,
para baixar os preços da alimentação
e protestar contra os maus tratos
que essa indústria dava a seus operários.

Os gráficos de São Paulo com uma greve de 15 dias conseguem aumento de salário. No Rio de Janeiro

reorganiza-se a Federação Operária
que havia sido desmantelada pela polícia,
e realiza-se um comício monstro
contra a repressão policial
que caia sobre os trabalhadores
do Rio e de São Paulo.

Nova greve nas Docas de Santos,
com 4.000 trabalhadores parados.

A policia reprime violentamente.
Há mortos e feridos,
e, ao fim de 18 dias,
voltam ao trabalho
sob a ameaça das armas.

Em Juiz de Fora, a Liga Operária
decretou greve geral
para conseguir a jornada de 8 horas.
O exército foi deslocado para lá,
um comício foi dissolvido a bala,
deixando mortos e feridos.

Os trabalhadores não desistiam da luta, mas a polícia continuava com a mesma violência.

#### 46 — O CONGRESSO DOS PELEGOS

Nesse ano também, procura se organizar um outro tipo de movimento operário, que já contava com alguns pequenos grupos

Assim, em novembro de 1912, o deputado Mário Hermes. filho do então presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, ligado com um tal Pinto Machado. presidente de um sindicato que queria se promover individualmente. planeja um congresso operário que foi chamado 4.º Congresso Operário Nacional. Ninguém sabe porque foi chamado de 4.º congresso, porque até aquela data só tinha havido um congresso nacional, realmente operário, o de 1906. As autoridades e a imprensa deram todo o apolo ao congresso, patrocinado pelo governo que desta vez. em vez de negar que no Brasil houvesse um problema operário, queria se apresentar agora como defensor dos trabalhadores.

A grande maioria das organizações operárias respondeu se negando a participar, apontando os interesses políticos do governo, que não eram verdadeiros interesses das classes trabalhadoras.

Apesar disto, muitas organizações, principalmente atraidas pelas passagens pagas pelo governo enviaram seus representantes. Participaram cerca de 33 sindicatos,

a maioria de Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, um do Rio Grande do Norte, um do Ceará, um do Maranhão e um de Pernambuco, apenas seis do Rio de Janeiro, e nenhum de São Paulo e outros estados.

O governo financiou tudo,
e assim realizou-se
o "Congresso dos Pelegos".

Aprovaram a criação de um partido político,
"Confederação Brasileira do Trabalho,"
para disputar eleições no país.

Mas esse partido nunca chegou a funcionar.

Algumas das conclusões do congresso
eram semelhantes às reivindicações
que os trabalhadores sempre fizeram:
jornada de 8 hcras,
direito à aposentadoria,
proteção para acidentes de trabalho,
regulamentação do trabalho
de mulheres e crianças etc.

Mas algumas resoluções
eram bem contrárias
à linha geral do movimento eperário:
a criação de um partido político,
a colaboração com o governo,
e a transformação dos sindicatos
de organização de luta e reivindicação
em órgãos de assistência, beneficência
e cooperativismo.

Isto é, queriam fazer o sindicalismo
andar para trás,

Mas embora esse congresso tenha servido para Mário Hermes se eleger mais uma vez, em nada mudou o Movimento Operário nacional.

## 47 - ANO DE 1913

Com as dificuldades econômicas

que atingiam a indústria nesse ano, piorava ainda a situação da classe operária.

O custo de vida subia, subia...
Algumas indústrias fechavam,
outras diminuiam a produção
e dispensavam centenas de operários.

Aumentavam de repente o desemprego e a miséria.

O movimento Operário ganha novo impulso.

O dia 1.º de maio
é comemorado em todo o país,
apesar da perseguição policial.
Em São Paulo o comicio comemorativo
tem que ser mudado de local na última hora
para escapar à repressão da polícia
que acabava de invadir a Federação Operária.

Em Santos, mais de 10.000 pessoas comparecem à comemoração. Também no Rio em Belo Horizonte, Campinas, Ribeirão Preto e Juiz de Fora foram feitas grandes comemorações.

Por toda a parte, o grande assunto do dia 1.º de Maio foi o protesto contra a lei Adolfo Gordo.

Mais experiente e melhor organizado, o Movimento Operário ganhava nova vida e resistia melhor à pressão da polícia, que, do seu lado,também aumentava.

Em junho realizaram-se outra vez, em várias cidades do país comícios contra a lei Adolfo Gordo

2.000 operários das fábricas de juta de São Paulo foram à greve exigindo aumento de salário. Os patroes não atenderam
dando como desculpa a crise econômica do país.
Essa crise servia por toda parte
como desculpa para os patrões
diminuirem os salários
e aumentarem de novo as jornadas de trabalho.

As industrias téxteis, gráficas e metalórgicas, em São Paulo, dispensavam trabalhadores.

No meio de todas essas dificuldades,
o Movimento Operário Brasileiro
consegue realizar no Río de Janeiro
o segundo verdadeiro Congresso Operário.
Participaram duas Federações estaduais,
do R. G. do Sul e de Alagoas,
cinco Federações locais,
de Santos, Río de Janeiro, Porto Alegre,
Pelotas e Maceió,
e mais cinqüenta e dois
sindicatos, sociedades e ligas
dos estados do Pará, Amazonas,
Río de Janeiro. São Paulo.
Río Grande do Sul e Distrito Federal.

Cada federação presente representava a reunião de vários sindicatos o que mostra muito bem e quanto já se havia desenvolvido o movimento sindical até aquele ano.

A linha afirmada no congresso
era basicamente a mesma
do primeiro congresso de 1906,
e dava especial importância
ao fortalecimento, alargamento
e organização do movimento sindical.

A realização desse congresso, em momento tãe dificil para os trabalhadores brasileiros foi uma injeção de vida nova para todo o movimento operário.

#### 48 — 1914 — GUERRA NA EUROPA

No ano de 1914 aumentam os sofrimentos das classes trabalhadoras do Brasil.

A guerra que estourou na Europa faz aumentar os preços dos artigos principalmente da alimentação. Os proprietários de imóveis querendo aumentar os aluguéis despejam à força os moradores. A Europa, que por causa da guerra já não produzia mais o necessário para o sustento da população comprava tudo o que o Brasil quisesse vender. Por isso, os capitalistas brasileiros preferiam vender para a Europa a precos altos o que se produzia aqui. Assim, faltavam géneros para o consumo da população brasileira e o que ficava aqui era vendido cada vez mais caro. Os industriais queriam aumentar a produção para aumentar seus lucros e seu capital 6 para isso exploravam o mais que podiam a força de trabalho dos operários. A guerra servia de desculpa para aumentarem de novo as horas de trabalho e também para diminuições nos salários.

Os militantes operários brasileiros
começaram então a perceber
que a guerra só trazia benefícios
para a burguesia capitalista
enquanto trazia mais miséria e exploração
para a classe trabalhadora.

Percebiam também que a própria guerra era o resultado das rivalidades de interesses comerciais e industriais dos capitalistas dos grandes países, e quen sofria com isso eram os trabalhadores do mundo todo.

Por isso, o Movimento Operário
começou a se mobilizar
para protestar por toda a parte do Brasil
contra a carestia da vida,
contra os despejos para aumento de aluguéis,
contra a redução dos salários
e o aumento da jornada de trabalho,
e também para protestar contra a guerra.

Esses protestos foram o tema
das manifestações do 1.º de maio naquele ano.
No Rio e em Petrópolis,
a polícia impediu as manifestações.
Em Belo Horizonte foi realizado
um grande comicio promovido
pelo Centro Operário Sindical.

Em São Paulo, no mês de agosto, realiza-se um grande comicio contra a guerra, que, embora proibido pela polícia, foi feito sob a mira de metralhadoras.

No mesmo mês, funda-se em São Paulo
o "Comitê Proletário de Defesa Popular",
que realizou ao mesmo tempo
comícios em vários bairros industriais,
como o Brás. Mooca, Bom Retiro, Lapa e Belenzinho,
protestando contra a guerra,
a alta do custo de vida e a desocupação das casas.

A luta pelas 8 horas de trabalho e aumento dos salários também continuava.

Assim, acontecem várias greves.

Em Sorocaba os têxteis entram em greve para exigir que os salários fossem reajustados, pois tinham sido diminuidos em 25%, e para exigir redução da jornada de trabalho. Ocuparam as fábricas e, depois de alguns dias, os industriais tiveram que aceitar as exigências dos trabalhadores.

Os ferroviários da Sorocabana também entraram em greve pelos mesmes motivos, mas por falta de boa organização, e pela perseguição da polícia, essa greve falhou.

No fim de 1914, funda-se em São Paulo a "União Geral dos Trabalhadores de São Paulo". Por toda a parte, a luta dos trabalhadores procurava sempre as mesmas conquistas imediatas: melhoria de salário e diminuição da jornada ou descanso semanal. Mas começa a aparecer no Movimento Operário

e idéia de que,

partindo dessas reivindicações,

podia-se organizar uma greve geral que paralizasse todo o país.

Através dessa greve o proletariado enfrentaria diretamente o governo e poderia tomar o poder.

Viam eles que só com o poder na mão dos trabalhadores é que se poderiam resolver os problemas.

## 49 - 1915 - 1916 - AINDA A GUERRA

Continua a guerra, a exploração e a carestia.
Só no ano de 1916
o preço do arroz sumentou 89%,
o do feijão aumentou 74%,
e o da carne de charque 78%,
Continua também a luta operária.
O 1.º de maio é uma manifestação de protesto
em todo o país:

Em São Paulo, nesse dia, foi feita uma grande passeata contra a guerra, saindo da Praça da Sé e percorrendo todo o centro. Nas faixas que os trabalhadores carregavam se lia:

"Abaixo a guerra, abaixo a exploração capitalista", "Paz entre nós, guerra aos capitalistas".

No Rio de Janeiro, fundou-se a "Comissão Popular de Agitação contra a Guerra", com participação de várias organizações operárias, que realizava comícios de protesto. No comicio do Rio, 5.000 pessoas participaram.

Em outubro, a Confederação Operária Brasileira realizou no Rio o Congresso Internacional da Paz, com a participação de sindicatos de São Paulo, Minas Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Sul, e com delegações de trabalhadores da Argentina, Espanha e Portugal.

Na mesma ocasião fez-se um imenso comício.

Em 1916 a União Geral dos Trabalhadores realiza um comício de protesto em São Paulo.

Mas de certo modo, nesses primeiros anos da guerra. o movimento operário brasileiro parecia menos combativo e organizado do que nos anos anteriores. Isso se explica em parte porque com o aumento da Indústria provocado pela guerra, como já vimos, aumentava também de repente o número de operários nas fábricas; desta vez já não são mais operários europeus que vêm fornecer mais mão de obra para as novas indústrias, mas já grande número de brasileiros. acabados de chegar da lavoura ou de outras partes do país. ainda sem conhecimento e experiência da luta operária. Foi preciso algum tempo para que esses recém-chegados ao operariado brasileiro pudessem compreender e engajar-se na luta de seus companheiros mais antigos.

Mas isso não tardou a realizar-se, como veremos pelos acontecimentos do ano de 1917.

### 50 - 1917 - A GREVE GERAL

Parecia impossível, mas naquele ano
a situação ficou ainda pior para o povo.
A guerra, grande negócio para os capitalistas,
arrancava dos trabalhadores
até a última gota de suor.
Os artigos de primeira necessidade
que já se vendiam a um preço absurdo,
dessa vez desapareceram do mercado.
Os que possuíam alimentos armazenados
especulavam com os preços
vendendo-os até 10 vezes acima do valor.
Enquanto isso os salários
ficavam na mesma ou até diminuíam.

Para os capitalistas,
Industriais e comerciantes,
era muito mais vantajoso
vender alimentos aos países europeus
do que ao povo brasileiro.
A Europa pagava caro
para alimentar seus exércitos em guerra.

Só em 1917, enquanto o povo aqui passava fome,
o Brasil exportou, isto é,
vendeu para outros países,
22 mil toneladas de arroz,
50 mil toneladas de feijão,
30 mil toneladas de carne congelada.
O lucro ia para o bolso dos capitalistas,
e a fome para o estômago dos trabalhadores.

A situação estava pronta para estourar.

O povo não agüentava mais.

O governo sabia disso
e preparava a polícia para reprimir
qualquer revolta popular.

Durante os primeiros meses do ano 14 greves houve em São Paulo, sendo algumas de uma só fábrica, outras de várias fábricas do mesmo setor.

No Rio também se sucederam as greves:

Primeiro dos operários das fábricas de móveis, porque seus salários tinham sido diminuídos.

Depois, os operários têxteis que tinham faltado ao trabalho para participar das comemorações do 1.º de Maio sendo por isso punidos, entraram também em greve.

A greve foi se alastrando por outros setores.

A grande dificuldade para se manterem as greves naqueles anos de carestia, era que a situação financeira dos trabalhadores era tão ruim que depois de poucos dias sem trabalhar as familias dos grevistas não podiam mais suportar a fome, pois não contavam com nenhuma economia ou reserva para poder sobreviver durante a greve.

Por isso, durante essas greves no Rio os trabalhadores de Petrópolis e Juiz de Fora enviavam auxilios a seus companheiros cariocas.

Também no Rio Grande do Sul,
cs ferroviários entram em greve,
contando desta vez com apoio da população.
Assim, conseguiram sair vitoriosos,
obtendo aumento de salário,
assistência médica e ordenado integral
nos casos de acidente de trabalho,
jornada de 8 horas e meia de trabalho
com pagamento de horas extras.

Finalmente, no mês de junho de 1917, inicia-se em São Paulo a maior greve do tempo da Resistência Operária, não só do Brasil, mas de toda a América Latina.

Iniciou-se o movimento com uma greve de 2.000 operários têxteis exigindo aumento de salários.

Os patrões recusam-se a atender, e o governo manda a policia perseguir os grevistas. Vários militantes foram presos. Indignados com isso
pouco a pouco, todos os trabalhadores da cidade
partiram para a greve.

No dia 12 de julho
havia já 15.000 operários em greve.

Dois dias depois já eram 40.000.

A greve se espalha por Santos, Campinas, São Bernardo e finalmente por todo o estado.

O "Comité de defesa proletário", que reunia os grevistas. fazla várias exigências aos patrões e ao governo:

- Liberdade para os militantes presos, e que nenhum fosse dispensado do trabalho por ter participado ou liderado a greve.
- Fim da exploração do trabalho de menores de 14 anos, e fim do trabalho noturno para mulheres e menores de 18 anos.
- Aumento de 35% para os salários mais baixos e de 25% para os outros.
- Pagamento feito cada 15 dias, e garantia de trabelho permanente.
- Jornada de trabalho de 8 horas e semana-inglesa (36 horas seguidas de descanso).
- 6. Aumento de 50% em todo trabalho extra.

O que mais amedrontava os patrões
não eram as reivindicações feitas,
pois essas já eram conhecidas havia anos,
mas sim a importância do movimento grevista.
Os trabalhadores ocuparam as ruas;
fábricas, comércio e transporte ficaram parados.
Os grevistas abriam os armazéns
onde estavam acumulados os gêneros alimentícios
e os distribuíam à população.

Também em Santos, apesar dos navios de guerra

que o governo enviou para o porto, os trabalhadores abriam os armazéns do porto e distribuiam os gêneros alimentícios aos grevistas.

Por toda parte, choques violentos entre a polícia e os grevistas.

Os patrões se recusando a atender,
o governo apoiando os patrões
manda a polícia contra os operários.
Entretanto, vários jornais de São Paulo
criaram um Comitê da Imprensa
para servir como intermediários
entre trabalhadores e patrões.
Voltaram com a promessa dos patrões
de que as reivindicações seriam atendidas.

O povo realiza um comício de comemoração da vitória do qual participaram 80.000 pessoas.

Mas assim que cessou a greve
e os operários voltaram ao trabalho,
a polícia armou uma grande perseguição
aos militantes dos sindicatos
que tinham liderado a greve,
prendendo-os, terturado-os e expulsando-os do país.
As promessas não foram cumpridas,
a carestia continuou a piorar,
apenas alguns setores e fábricas
deram um pequeno aumento de salário
por medo de outra greve semelhante.

Mais uma vez. usando a violência policial, o governo apoiava a burguesia para enganar os trabalhadores.

No Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernembuco, Paraná e Pará levantava-se a solidariedade aos trabalhadores paulistas e preparava-se também a greve geral.

Mas a greve de São Paulo

tinha sido para os próprios trabalhadores uma demonstração de sua força e unidade. Sabiam agora que a greve geral era possível. Assim, já em setembro do mesmo ano

Assim, já em setembro do mesmo ano, faz-se em Recife outra greve geral.

Iniciou-se pelos empregados da construção civil, seguidos pelos estivadores,

motorneiros de bondes, ferroviários

e as demais categorias.

Por falhas de organização.

e pela falta de alimentação nos lares operários, tiveram que cessar a greve, obtendo apenas uma vitória parcial,

Mas, mais uma vez, tinham mostrado sua unidade e a possibilidade de uma greve geral.

Tudo isso vai trazer consequências
no ano de 1918.

No fim do ano de 1917,
com a desculpa da guerra,
o governo decreta o estado de sítio,
isto é, considera o país em estado de guerra.

Proibe qualquer ato ou manifestação pública,
decreta o fechamento dos sindicatos de ofícios
e das federações operárias.

A polícia invade as organizações, prende centenas de operários para cumprir as ordens do governo.

Mas a partir daí, a guerra estava mesmo declarada, mas entre os trabalhadores e o governo.

Os operários estavam certos da sua força, depois das experiências de greve geral.

Além disso, a situação econômica era tão ruim que não havia mesmo condições de se conformar.

De toda parte do mundo chegavam noticias

De toda parte do mundo chegavam notícia: da luta operária.

A mais importante dessas notícias, e que mais animava os trabalhadores brasileiros era a da revolução realizada na Rússia:

A noticia de que naquele país, os socialistas comunistas estavam tomando o poder da burguesia

e reorganizando o país de modo não capitalista com um governo proletário.

### 51 - 1918 E 1919 - O FIM DA GUERRA

Esses dois anos foram anos de luta continua.

Greves, parciais ou gerais,
estouravam em todas as cidades do país
em que houvesse operários.

Comícios e manifestações de protesto
ou de solidariedade à Revolução Russa
e ao profetariado internacional.

O governo já não tinha mais limites para a repressão aos operários. Mandava as tropas do exército para dissolver à bala comícios e greves. Prisões, feridos e mortos em toda parte.

Em 1919, mais de 100 operários estrangeiros foram expulsos do Brasil por causa de sua militância operária.

Para contarmos todos os acontecimentos desses dois anos de luta teríamos que fazer um outro caderno quase tão grande quanto este.

(Podemos encontrar detalhes sobre a luta desses anos no livro "História das luta sociais no Brasil", de Everardo Dias — Editora Edaglit — ou no "Caderno da História, n." 6 — editado pelos alunos de História da Universidade de São Paulo em Junho de 1976).

A greve geral revolucionária,
que tomaria o poder da burguesia,
desejada pelos anarquistas.
não chega a se realizar
pois o movimento operário não tinha conseguido
o grau de organização necessário para isso
e além, disso, ainda naquela época,
em comparação com o restante da população,
a classe operária era uma pequena minoria.

# 52 — A CLASSE OPERÁRIA MOSTROU SUA FORÇA

Mas a burguesia e o governo ficam com medo. Percebiam que o movimento crescia e poderia mesmo por em perigo o poder e a organização do capitalismo no Brasil. Eles sabiam que o poder e a riqueza do capitalismo depende basicamente da exploração do trabalho do operário. e necessitava de uma classe operária sossegada, disciplinada e trabalhadora. Por isso, alguns patrões e políticos começam a ver que mesmo para defender os seus próprios interesses. era preciso dar aos trabalhadores algumas leis sociais e trabalhistas que os acalmassem e fizessem cessar as greves. Percebiam que atender às reivindicações podia dar menos prejuizo a eles do que as constantes greves.

Mesmo assim, a coisa fica só em palavras, naqueles anos, só sendo de fato criada essa legislação muitos anos mais tarde, como veremos depois.

Naquele momento, o governo preferia continuar a tratar o problema operário como "um caso de polícia" e resolver o problema com a força militar.

Em 1920, o movimento operário encontra-se com sua organização praticamente destruida pela violência militar do governo.

Também a unidade e força dos grupos anarquistas começava a se enfraquecer.

Outros grupos, principalmente comunistas, começavam a se formar mas ainda não tinham a liderança do movimento operário no Brasil.

Podemos considerar que nesse momento, terminava a fase da Resistência Operária, e começa um novo período da história da classe operária brasileira.

com características bem diferentes que estudaremos em nosso próximo caderno.

## 53 — A LEGISLAÇÃO SOCIAL — FRUTO DAS LUTAS OPERÁRIAS

É importante, porém, frisar que toda essa luta de quase trinta anos teve importância enorme para o future da classe operária. Ao final dos trinta anos, praticamente nenhuma das reivindicações tinha sido obtida definitivamente. Apenas algumas poucas conquistas parcials. O aparente fracasso dessa luta. escondia porém, uma vitória verdadeira que só vai aparecer anos mais tarde quando o governo finalmente criou a legislação trabelhista. O proletariado tinha mostrado com uma coragem enorme. sua capacidade de unir-se e lutar, de resistir à violência policial, tinha mostrado que sem os trabalhadores o capitalismo e a organização social não podem sobreviver. Tinham mostrado que podiam por em perigo o poder da burguesia e seu governo.

Embora o governo tivesse conseguido naquele momento abafar a luta pela violência militar, sabia que um dia ou outro, a luta operária poderia se reorganizar, mais experiente e mais forte, pois a própria classe operária continuava crescendo.

Essa foi a verdadeira razão pela qual alguns anos depois, o governo concede as leis trabalhistas, pois não podia mais confiar apenas na força policial para manter os operários trabalhando sem protestar.

Tudo o que o operariado brasileiro
já pode conseguir como melhoria
foi sempre fruto de sua luta
que desde os primeiros anos,
foi, como vimos, sangrenta.

## 54 — LUTAS PELAS LEIS E PELO SEU CUMPRIMENTO

Importante também é dizer que a luta operária foi necessária não apenas para conseguir as leis mas também para conseguir que as leis existentes fossem cumpridas.

Por exemplo, o direito de greve
estava reconhecido pelo governo
por um decreto de 1890.

O direito de livre associação em sindicatos
estava assegurado por uma lei de 1907.
Entretanto, durante todo o período,
o próprio governo empregava sua força
para impedir greves e organizações.

Em 1891 foi feito um decreto
regulamentando o trabalho dos menores
no Rio de Janeiro.

Mas este decreto ficou só no papel,
como já sabemos.

Por que então, o governo fazia leis que não pretendia cumprir.

A verdade é que essas leis eram feitas mais para "uso externo". Isto é, para o Brasil aparecer bem diante dos outros países que já estavam também fazendo leis sociais, eles também pressionados pela luta operária.

### 55 — A INFLUÊNCIA DO TRATADO DE VERSALHES

Por causa desse costume do governo da burguesia brasileira de querer aparecer melhor aos olhos dos estrangeiros houve um outro fato que teve uma certa importância para o aparecimento das leis trabalhistas.

Trata-se do Tratado de Versalhes, tratado de paz, feito no fim da guerra pelos países nela envolvidos,

Terminada a guerra no início de 1919, reuniram-se em Versalhes, na França, representantes de todos os países que tinham entrado na guerra, para negociar um acordo de paz.

O Brasil, que tinha se metido um pouco na guerra do lado dos aliados, também participou.

Acontece que todos os governos representados eram governos que defendiam a burguesia que se encontrava no poder em cada país. Muitos desses governos. por causa do avanço da luta proletária em seus países. já tinham sido obrigados a conceder alguns direitos aos operários. Isso diminuia um pouco o lucro da burguesia, que aumentava o preço dos produtos para compensar seu custo mais alto. Queriam que todos os outros países fizessem a mesma coisa, pois não gostavam da concorrência dos produtos mais baratos dos países que não tinham legislação trabalhista. Estes, explorando mais o trabalhador, podiam vender mais barato sem perder seu lucro.

Por essas razões, e por meio das revoltas operárias, foi incluido no Tratado de Versalhes um artigo que obrigava todos os países que o assinaram a criar uma legislação social concedendo direitos aos trabalhadores. Tendo o Brasil assinado esse acordo, era mais uma razão para forçar o governo a fazer uma legislação social, nem que fosse só para salvar a cara diante da política internacional.

Durante os anos de Resistência,
alguns deputados idealistas,
com idéias socialistas,
como Maurício de Lacerda, por exemplo,
tentaram fazer passar na Cāmara
projetos de leis sociais.

Mas tais projetos sociais
foram sempre derrotados nas votações.

Só mesmo a luta incansável e corajosa da própria classe operária é que foi o fator decisivo para a obtenção dos poucos direitos que hoje são assegurados aos trabalhadores pela legislação Brasileira.

A Classe Operária só a si mesma deve aquilo que até hoje conseguiu.

### LIVROS EM QUE PESQUISAMOS PARA ESCREVER OS CADERNOS

FLORESTAN FERNANDES	— ed"Mudanças Sociais no Brasil"
TEORESTAN TERMANDES	ed. Difusão Européia do Livro.
	— "A Revolução Burguesa no Brasil"
	ed. Zahar
CELSO FURTADO	- "Formação Econômica do Brasil"
	ed. Fundo de Cultura
EDGAR CARONE	— "A República Velha"
THE RESIDENCE OF THE PARTY OF T	ed. Difusão Européia do Livro
DIVERSOS AUTORES	- "Brasil em Perspectiva"
TARTES AND ADDRESS.	ed. Difusão Européia do Livro
NICIA VILELA LUZ	- "A Luta Pela Industrialização do Brasil"
THE STATE OF THE S	ed. Alfa - Omega
CAIO PRADO JUNIOR	- "História Econômica do Brasil"
	ed. Brasiliense
NELSON WERNCK SODRÉ	- "História da Burguesia Brasileira"
	ed. Civilização Brasileira
	— "Formação Histórica do Brasil".
ERNANI SILVA BRUNO	- "História do Brasil - geral e regional"
	ed. Cultrix
HÉLIO VIANNA	- "História do Brasil"
	ed. Melhoramentos
JOÃO CRUZ COSTA	— "Pequena História da República"
NORTH AND THE WORLD	ed. Civilização Brasileira
MANOEL DO Ó	— "100 Anos de Suor e Sangue"
	ed. Vozes
EDGR RODRIGUES	- "Socialismo e Sindicalismo no Brasil"
The control of the co	ed, Laemmert
CLOVIS MOURA	— "Rebeliões da Senzala"
SECTION ASSESSMENT OF THE PARTY	ed. Conquista
C. A. GOMES CHIARELLI	- "Teoria e Prática do Sindicalismo no Brasil"
	ed. LTr.
EVERARDO DIAS	- "História das Lutas Sociais no Brasil"
LEGISIO PODDICUES	cd. Edaglit  "Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil"
LEONGIO RODRIGUES	ed, Difusão Européia do Livro
A 4- POCHA BARROS	
A. da ROCHA BARROS	<ul> <li>Origens e Evolução da Legislação Trabalhista ed. Laemmert</li> </ul>
	ou. Louississis

J. ARBERTINO RODRIGUES - "Sindicato e desenvolvimento no Brasli"

Caderno de História n.º 6.

Centro de ESTUDOS HISTÓRICOS — UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO